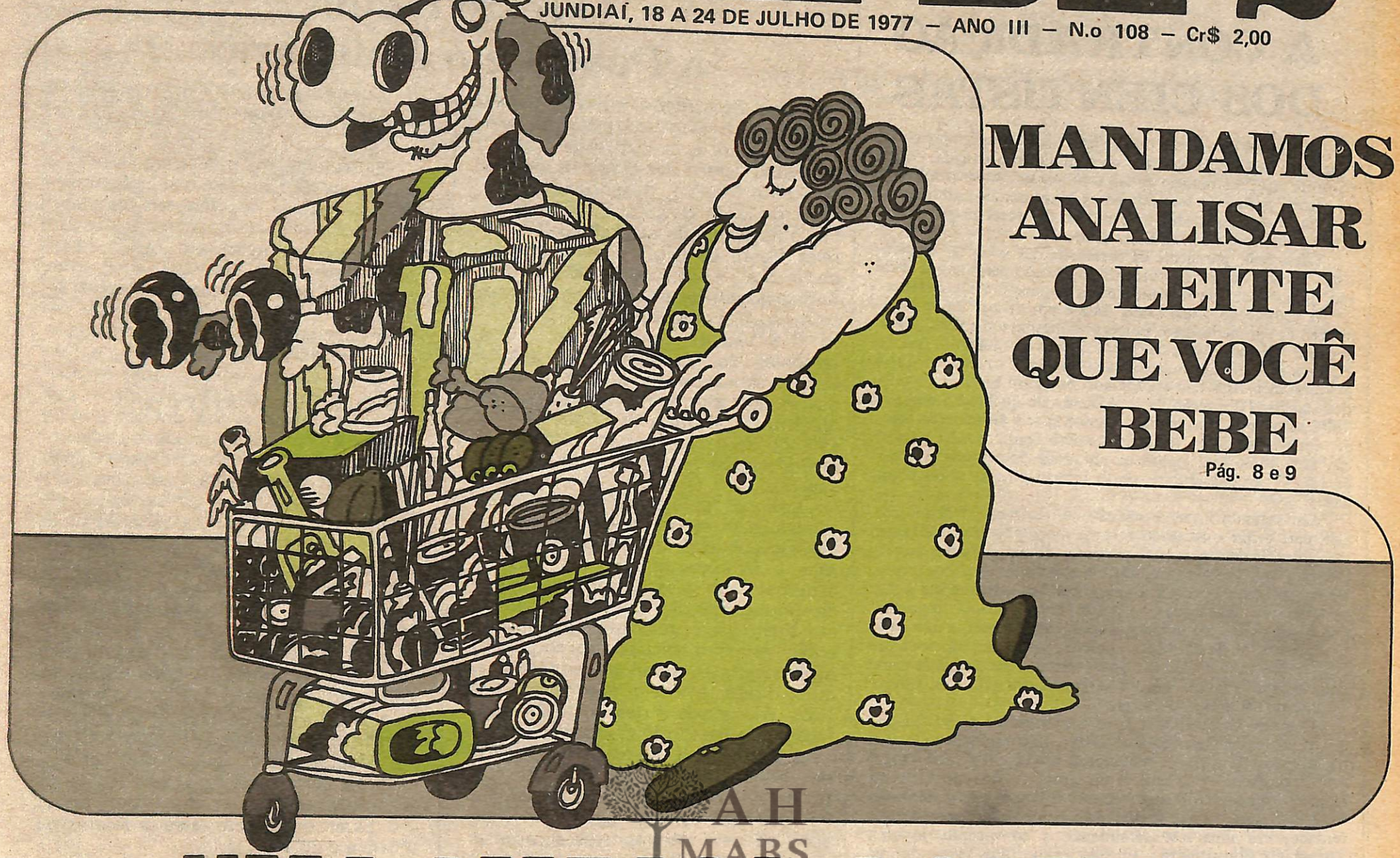
JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 18 A 24 DE JULHO DE 1977 — ANO III — N.o 108 — Cr$ 2,00



MANDAMOS ANALISAR O LEITE QUE VOCÊ BEBE

Pág. 8 e 9

UMA AMEAÇA: A CARNE CONGELADA RONDA A SUA MESA.

Pág. 8 e 9



QUAL SERÁ O DESTINO DO VELHO E CADUCO POLITEAMA?

Pág. 7



A MODA DA SAMAMBAIA, UMA COISA LOUCA. ESTA VALE CR$ 3000,00.

Pág. 7

A primeira ordem do técnico Borelli: senhores jogadores, fiquem à vontade.

Pág. 11

O REPOUSO DOS VEREADORES. CARREGANDO PEDRAS.

Pág. 16

ANÁLISE

A CONTRADIÇÃO DOS CIENTISTAS

A Assembléia Geral que a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência realizava na segunda-feira passada, como parte de sua 29a. reunião anual, teve que ser suspensa sob vaia da platéia porque os seus dirigentes se recusaram a submeter à aprovação dos associados uma moção favorável ao pedido de uma "Constituinte Livre e Democrática".

Oscar Sala, presidente da sociedade que congrega os cientistas, alegou que os estatutos da SBPC não permitem a votação de moções que tenham caráter exclusivamente político.

A atitude do físico Oscar Sala é por vários títulos estranhável. Em primeiro lugar, porque no mesmo dia a SBPC divulgou um "Memorial dos cientistas ao povo brasileiro", que dá extrema ênfase à interrelação existente entre os entraves que a pesquisa científica tem encontrado no Brasil e a situação política vigente. (Um techo:" (. . .) Diante de qualquer ameaça, a SBPC se propõe tão somente a continuar a estimular as bases do desenvolvimento científico do País, promovendo a Ciência, que, como tal, implica na liberdade da pesquisa e de expressão e, por conseguinte, no fortalecimento de nossas liberdades".).

Em segundo lugar, a objeção colocada pelo físico Oscar Sala para evitar a discussão de uma moção "política" é tanto mais inexplicável por estar partindo de um cientista, condição que não lhe permite, absolutamente, ignorar que a primeira das definições da palavra **política** diz que ela é "a ciência dos fenômenos referentes ao Estado". E assim a política entendida em sua acepção mais ampla, e não confundida com o rés-do-chão da política partidária, não pode estar ausente de uma reunião de cientistas. Ainda mais de uma reunião que, exatamente por circunstância políticas, esteve a ponto de não poder se realizar.

O apego burocrático à letra dos estatutos da Sociedade, que o professor Oscar Sala defendeu com tanto denodo, teria sentido, talvez, se a proposição apresentada fosse outra, como por exemplo de apoio a um grupo, a uma facção, a um segmento qualquer do pensamento político brasileiro. Mas não foi esse o caso. O que se pretendia colocar em discussão, na verdade, era uma tese defendendo a convocação de uma Assembléia Constituinte – ou seja, propor uma forma de institucionalização na vida política do país. Política aí entendida no seu sentido mais amplo: a de ciência.

A atitude do professor Sala veio, de certa forma, fornecer munição àqueles que defendem a departamentalização da sociedade, a sua divisão em compartimentos estanques, como se os seus vários segmentos não tivessem relação entre si, e como se a política fosse um ente fora do alcance dos mortais comuns. Na verdade a política, nos países democráticos, tem a função exatamente de ser a força reguladora das tensões existentes entre esses vários segmentos. A política não é uma bruxaria de iniciados e nem uma palavra feia. Os cientistas, melhor do que ninguém, por seus pressupostos intelectuais, deveriam conhecer exatamente a função que a política deve exercer numa sociedade sadiamente estruturada.

A atitude da mesa dirigente da assembléia da SBPC, talvez provocada pelo temor de fornecer excessiva munição àqueles que não vêem com bons olhos a mobilização que a sua reunião provocou, acabou por levar lenha à fogueira dos que defendem a tese do imobilismo social. Ou seja: que estudantes devem estudar, cientistas fazer ciências, trabalhadores trabalhar, artista fazer arte – e assim por diante – deixando a política para os iluminados.

Como se a política não fosse, exatamente, expressão das necessidades, anseios, aspirações de **todas** as camadas da sociedade.

A mesa dirigente da assembléia da SBPC, que vetou o debate da moção da Assembléia Constituinte caiu exatamente na armadilha daqueles que defendem a despolitização da sociedade. Que são, e não por acaso, os mesmos de quem os cientistas se queixam no seu memorial. Como se vê, uma contradição bem pouco científica.

Equipe J. 2a.

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044--Tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

Cidade

O resto é com a Polícia e o Judiciário

Como decorrência lógica do inquérito privativo mandado instaurar pelo atual prefeito, o executivo deve se representar, dentro dos próximos dias, ao Ministério Público, denunciando a administração do Hospital S. Vicente de Paulo ao tempo do ex-prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz, como partícipe de fraudes e desvios de verbas que tiveram como resultante irrecuperáveis prejuízos àqueles nosocômio.

O S. Vicente, como se sabe, é uma vergôntea do complexo municipal e vem funcionando há já por mais de quatro anos sob regime deficitário, não obstante as afirmativas falsas de Ibis, segundo as quais esteriam satisfatoriamente sanadas as finanças do estabelecimento.

Levar os fatos ao paroxismo do escândalo pelo sabor sádico do sensacionalismo publicitário seria como que relegar o interesse público em favor da baderna e da avacalhação. Na esteira das implicações delituosas aparecem como agentes exponenciais figurantes do então primeiro escalão do corpo clínico hospitalar, e, no trailer da hierarquia, diretor e vice-diretor administrativos. São graves e desairosas as imputações que lhe são feitas através de uma farta exposição de elementos compulsados pelas comissões de inquérito tanto da Prefeitura como da Câmara. E os peculatários de um povo curvado ao peso de impostos sufocantes devem ser tratados com rigor sob pena de criminosa conivência dos poderes a quem cumpre identificá-los.

Entretanto, há que se entender que a anátema da rua não é tribunal competente para julgá-los. Nem será com apenas cinco linhas de nenhuma expressão como soe acontecer em certas situações conjunturais que suas cabeças devem rolar pelo tobogan da excecração popular. O simples fato de não se terem pronunciado ao tempo em que os inquiridores das CEIs abriram fala para que dessem razões sobre as acusações que calçam os seus ombros, por si só não configura dolo em nenhum de seus aspectos. Sua recusa, outrossim, não importa em consentimento. Não são mais funcionáros, ipso fato não estão obrigados a depor no inquérito administrativo salvo determinação superior. Mas, terão que fazê-lo perante a Justiça, onde lhes serão conferidos todos os meios de defesa, a coberto de prevenções e tendências persecutórias.

Aí, então, vamos conhecer, em todos os seus múltiplos detalhes, as licenciosidades dessa fase sombria por que passou o governo da cidade notadamente o Hospital S. Vicente de Paulo. Vamos saber, igualmente, retratados de corpo inteiro, quem foram os dilapidaores dos cofres do povo.

Quanto ao resto, será problema da Polícia e do Judiciário.

Elcio Vargas

AHMABS

Papo Furado

Os pecados alheios

Contam estórias que nos idos seiscentistas, sob a invocação de Maria do Desterro, esta buracolândia recebeu as águas lustrais do batismo com o nome que ainda hoje ostenta os seus vinhedos e chaminés. Nome, como se sabe, buscado na toponímia indígena e inspirado no fato de ser a região seara fertil à proliferação de um peixinho cor de prata e gostoso pra caramba. Era uma fauna feliz e defesa aos anzóis famintos que em nossos dias não abrem mão sequer das produções do Guapeva, cuja linfa outrora corria pelos vergeis em flor límpida e oxigenada. Como vocês também não ignoram, chamavam-se **Jundiás** os tais bagrinhos. Daí, a corruptela **Jundiá-í,** já que **í** era o rio por onde eles curtiam a invejável paz da calma prometida e regateada no saudoso reinado de Ibis.

A outra face da estória, (temos diversas), porém, diz que não foi assim. Aqui, afirmavam as línguas viperinas, em competição numérica com os peixinhos prateados, pontificavam os papudos. Todo mundo tinha papo. Uns, de cordão, como mamão macho, outros rotundos e bipartidos, mas todos exibiam à altura do colarinho a vistosa protuberância que longe de os complexar, muito os orgulhava. E a onomática se impôs por força de hábito, isso porque, cada vez que um aborígene se referia ao **Jundiá,** o papo chiava... **í** ...

Não há por aí, claro que não há, quem tenha deixado de ouvir, por surradas vezes, essa piada marota vertida do espírito folclórico e galhofeiro do gentío. Longe de ser um estígma, entretanto, o bócio era o adereço da mais luzida rafinèe. Com ele se ataviavam as granfas e os cavalheiros do soçaite contemporâneo. Despojar, pois, uma dama elegantérrima desse apêndice tiroideano, mal comparando seria como arrebatar o sorriso da Mona Lisa ou extirpar o busto alabastrino da própria Vênus de Milo.

Terá sido, quem sabe, esse ditame da moda que deu asas a uma ocorrência registrada nos anais de nossos fastos, a qual, como não somos daquele tempo, damos largas por ouvir dizer. Então, lá vai o peixe:

– Certo cavalheiro, recém-chegado numa manhã ensolarada adentrou solitário as arcadas de nossa igreja matriz. Elegantíssimo no seu porte fidalgo, estava britanicamente trajado com uma gema coruscante bem no nó da gravata. Era um tipo de virar a cabeça às doidivanas. Um Belo Brumel na acepção da palavra. O templo estava literalmente cheio e no púlpito o sacerdote exercitava a arenga domingueira. A majestade do porte, a lhaneza do trato e a respeitabilidade do forasteiro chamaram de chofre as atenções dos fiéis de cujos olhos se desprendiam chispas de fogo num desejo insopitável de vociferar contra aquela "aberração" onde a egolatria da natureza se fez sentir com desapiedado capricho. E mal sufocando aquele êxtase de perplexidade um sussurro generalizado profanou as naves do tempo. . . u-u-u-u-u-u-. . .

O pregador, atilado e rápido no raciocínio, percebeu de pronto a estranha manifestação. Interrompeu o sermão e deu desta: "Caríssimos irmãos! Como já tive oportunidade de dizer, **comete pecado quem repara nos defeitos alheios. . ."**

. . . E eu fiquei pensando com meus botões: Será que também é pecador quem só vê defeitos no pescoço do Bertoni? . . . **V/2.**



Correspondência de Páju Corado - Trechos.

"Estou me despojando cada vez mais das coisas. Por favor, não imagine nenhum Francisco de Assis, ou Inácio de Loiola. Meu despojar é despojar simplesmente. Por comodidade e por cinismo. A comodidade de se livrar de uma carga pesada. O cinismo de saber que essa carga não tem a menor importância, como não tem importância livrar-se dela. De que vale uma sensação se existe uma razão exterior para ela?

"Desligar-se das coisas como um canceroso a quem informaram da inexorabilidade de sua doença mortal. Ou como um suicida que já engoliu a dose fatal do sonífero e decide aguardar nu a chegada de inconsciência definitiva. O que perturba e alarma o homem não são as coisas, são suas opiniões e fantasias a respeito das coisas.

"Despojar e desligar de tudo com certeza de que jamais me despojarei ou me desligarei da minha consciência. Ou talvez para isso, para ficar frente a frente com ela, com as contradições que a compõem, que me compõem. Nem culpado, nem inocente. Vítima, como todo mundo".

. . . . . .

"O olhar daquela mulher, pela terceira vez.

"Na primeira, olhar perplexo, aterrorizado e dolorido. Olhar da Desdêmona-mãe perplexa, aterrorizada e dolorida, procurando ou não quem pudesse dar sentido à desproporção entre o pequeno Donatelo, frágil, e a gigantesca Morte, brutal.

"Na segunda vez, o olhar do espectador que se sentou, propositadamente, na última fila, já que o espetáculo lhe diz muito pouco. E que olha simplesmente porque, lá na frente, alguém representa um papel. Olhar da visita vendo o caderno de caligrafia do filho do dono da casa.

"E agora esse olhar intervalado, de quem olha para confirmar o que já sabe: que está sendo olhado. Luz de farol que percorre os 360 graus do eixo-destino, até iluminar de novo a embarcação distante, que talvez esteja em perigo, mas sobre a qual não se detém.

"Pela terceira vez, o olhar daquela mulher. No fim, no meio, no princípio".

. . . . . .

"Assisti, pela televisão, um documentário sobre indígenas denominados "Caçadores de cabeças" Eles permitem a aproximação dos civilizados. Tanto que até rituais sagrados foram filmados e entrevistas foram concedidas. A denominação da tribo vem do fato deles cortarem as cabeças de seus inimigos e comerem seus corpos: são antropófagos, quando então em guerra. Todas as histórias que os velhos contam para as crianças falam, necessariamente, de um homem e uma mulher que fogem para o meio da selva para ali se acariciarem e fazerem amor carnal.

"Li trechos de um estudo feito por um psicólogo junto a uma tribo de indígenas que vivem na região dos Grandes Lagos, na América do Norte. O estudo era sobre a violência. A tribo escolhida tem uma cacaracterística que já havia sido relatada por um missionário, há mais de duzentos anos: os índios não se hostilizam, ao contrário, seu convívio é marcado pelo tratamento cortez e até mesmo solidário — os que são mais felizes nas caçadas repartem o fruto da caça com os que não conseguiram caçar nada. Não há registro de assassinatos, agressões físicas. Roubos são raríssimos. Não se agridem nem através de palavras. Uma raça superior? Uma cultura superior? Se fossem altos, loiros e de olhos azuis, talvez o psicólogo concluísse por isso. Mas não, ele tem feito testes (até Rorschard) para descobrir onde se oculta a violência dessa gente. E já fez alguns progressos. Por exemplo: descobriu que a violência, ou a agressão, feitas publicamente, podem ser perigosas para o agressor. Porque o agredido fará, às escondidas, magias e feitiçaria que podem provocar, desde o azar nas caçadas., até doenças e morte no agressor. E foi além, o psicólogo: conseguiu relatos que contam casos de índios que se tratam cortezmente, caçam juntos, repartem a caça entre si, mas que são inimigos mortais, fazem magias e feitiços, às escondidas, para prejudicar o companheiro de conversas gentis e caçadas conjuntas. A causa dessa inimizade pode ser uma coisa fútil, como por exemplo o fato de um saber que o outro falou mal dele por detrás, à distância. Como acontece do falador ficar doente, e até mesmo morrer em decorrência da doença, o psicólogo conclui que esse povo é violento demais, a ponto de punir com a morte uma simples maledicência. Em resumo, quem faz feitiçarias mortais é violento; quem os julga criminosos é civilizado e cientista.

"Tanto os "Caçadores de cabeça" quanto os indígenas da região dos Grandes Lagos estão sendo trabalhados por missionários para serem convertidos ao cristianismo. Mais dia, menos dia, eles serão iguais a você a a mim".

. . . . . .

"Gostaria de receber notícias tuas, da tua cidade, do teu país. Vê se me escreve. Um abraço".

Erazê Martinho

JUNDIAÍ, DE NOVO, UM MAU EXEMPLO.

A revista "Isto é" da semana passada, publicou um artigo do jornalista Aloysio Biondi, especializado em economia e também editor de economia do jornal "Diário do Comércio e Indústria", abordando o problema dos erros de planejamento que são cometidos em todo o Brasil, com o único intuito, segundo ele, de "abocanhar verbas". E a cidade de Jundiaí é usada pelo jornalista, como protótipo do mau exemplo. Aqui está a transcrição da parte do artigo "Planos para um País que não existe" em que Jundiaí é citada:

"Orgulhosamente, a Prefeitura de Jundiaí, município industrial paulista situado a não mais que 60 quilômetros da capital, anuncia que concluiu o seu plano de desenvolvimento a longo prazo, para evitar as distorções que atingiram outras áreas urbanas do país. Ótimo? Enfim se planeja neste Brasil? Péssimo. Terrível. Os planos jundiaienses vão até o ano 2.000 — e prevêem para essa data uma população de um milhão de habitantes. Para chegar a um milhão nos 23 anos que nos separam do ano 2.000, sua população terá de crescer 700 mil habitantes, ou mais de 30 mil por ano. Impossível. Um erro elementar, grosseiro, que os planejadores estão cometendo em todo o país sem que se perceba. Não é coisa de amadores, não. Jundiaí, como São José dos Campos, Catitó como Porto Alegre, Vista Alta como Belo Horizonte encomendam seus planos, conscienciosamente, a escritórios especializados, de renome, com equipe de arquitetos, sociólogos, psicólogos e economistas. Ou recebem, mesmo, os planos das secretarias de Planejamento estaduais, com arquitetos, sociólogos, psicólogos e economistas. Mas esses planejadores, por esse Brasil afora, estão cometendo o erro elementar de "projetar" o futuro com base nos resultados dos anos passados. Ou, mais claramente: se a população de Jundiaí cresceu 6% ou 10% ao ano nos últimos dez anos, calcula-se que a mesma taxa será mantida daqui para a frente — e se vai chegar àquele resultado, de um milhão de habitantes no ano 2.000. O que está esquecido neste exercício de matemática? O óbvio. Que as cidades industriais do país, em geral, tiveram um grande acréscimo de população nos últimos dez ou quinze anos devido não apenas ao êxodo rural, como porque chegaram a atrair moradores de outras cidades. Hoje, no Sul — Sudeste, elas já estão vazias — logo, a população de certos centros não poderá crescer no mesmo ritmo. Como explicar esse erro grosseiro de planejamento? Há o imobilismo que atingiu o país no campo das idéias. Mas há também, certamente, em alguns casos, a deliberada manipulação de dados com um fim: arrancar dinheiro do Governo Federal ou do governo estadual par a execução de grandes planos, grandes obras. Os crocodilos lacrimejantes se encontram em cena, como sempre, com o intuito de abocanhar verbas".

SUCESSÃO: ESTÁ ABERTO O DEBATE.

A semana foi agitada com as notícias de que a sucessão foi desencadeada. Primeiro, foi a manifestação considerada um tanto inusitada do general João Batista Figueiredo, sobre o programa do MDB na TV. Ele disse que não gostou. Houve um certo reboliço, não tanto pela opinião do general, que nada tem de especialmente novo, mas pelo fato de ele se manifestar. Depois, foi o episódio do "Jornal de Brasília", que publicou uma manchete dizendo que Figueiredo aceitaria ser candidato, "desde que tivesse o apoio de Geisel e dos políticos". Houve alguns desmentidos, ou, na verdade, meio-desmentidos. Mas o debate começou a pegar fogo mesmo a partir do pronunciamento do presidente da Caixa Econômica Federal, Humberto Esmeraldo Barreto. Ele disse que apoiaria o general Figueiredo se o general Figueiredo fosse candidato.

Por que o espanto foi geral e a repercussão tão grande? Porque ninguém acredita que o senhor Barreto, não tanto por ser presidente da Caixa Econômica, mas por ser Humberto Barreto uma espécie de "filho adotivo" do presidente Geisel, se dispusesse a uma manifestação pública de natureza tão delicada sem que tivesse pelo menos o aval, ou o "nihil obstat" do próprio presidente da República. Mas como, se fosse o próprio presidente da República que, por reiteradas vezes, deixou extremamente claro que ele não quer ver o debate sucessório agitado antes de janeiro?

Então, o que há por trás disso? Matéria para especuladores políticos. Para alguns, uma manobra evidente. Com que sentido? Com que fim? Ninguém chegou a uma conclusão convincente. Para outros, apenas uma manifestação pessoal do sr. Barreto, sem nenhuma outra ligação com um esquema maior. Para que? Para dar respaldo de popularidade ao nome do general chefe do SNI.

De qualquer maneira, seja o que for, o debate sucessório está aberto. E como das outras vezes, um debate para o qual o povo não foi convidado.

PALAVRAS

"A mocidade é semelhante às águias: renova as plumas em dia de tempestade". (Senador Daniel Krieger, da Arena gaúcha)

"Numa casa em Bangu, tem um cara operário que está passando necessidades, com pouco dinheiro pra sobreviver, sentindo que não pode transmitir sua insatisfação através de greves, que não são permitidas pela Constituição brasileira. Mas nessa mesma casa tem o filho dele, de 15 anos, que vai todo sábado pra discoteca ouvir James Brown. Trabalha num banco do centro, usa sapato alto, roupas coloridas e é gente tanto quanto o pai dele, participando existencialmente da vida material, corpórea, como o pai. Ele não tá querendo saber, discutir, porque ele está satisfeito. Satisfeito com o salário que tem no banco, porque não tem perspectiva de casar e construir família como o pai teve". (Gilberto Gil, mesmo jornal).

"Ora, eu respeito o Chico Buarque, mas ele também tem que me respeitar. No fundo, não somos inimigos e estamos trabalhando pela mesma causa: a humanidade". (mesmo cantor, mesma entrevista).

"A Medicina no Brasil é uma medicina capitalista, pois transformou-se em produto de mercado, cujo fim específico é o lucro". (Professor Antônio Sérgio da Silva Arouca, coordenador do debate "Realidade da Saúde no Brasil", na 29a. reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

"Este recorde ninguém tira: fui assaltado 45 vezes". (Manoel Rosas, padeiro de Nova Iguaçu)

"Aqui, a liberdade é mais um sonho do que uma esperança, e os sonhos se perdem no infinito, quando se defrontam com o amanhecer da realidade. No que diz respeito aos condenados a penas longas, o sistema que reina em Cuba quase não deixa margem para esperanças". (Huber Matos, prisioneiro cubano, em carta à família, Jornal de Brasília, 5/7).

"As pessoas agora é que estão começando a descobrir a moderna literatura brasileira e valorizá-la, inclusive porque essa valorização está vindo lá de fora. A nossa literatura hoje é considerada uma das mais importantes do mundo. Temos inúmeros autores bem traduzidos e estudados em universidades estrangeiras". (Moacir C. Lopes, escritor)

"Os caras querem que a gente dê opiniões políticas, mas eu não tenho a mesma fluência, sagacidade e rapidez dos políticos para responder sobre essas coisas. Não manipulo dados políticos. Só com dados artísticos". (Gilberto Gil, em entrevista ao "Correio de Copacabana", n.o 30).

PUFS

Biônico é um fortificante próprio para robôs.

Hipocondríaco é um animal africano que causa males imaginários.

Calhorda é uma veia imbecil que a gente tem no pescoço.

Semiótca era engenho e arte de Camões.

Torre de Piza é uma deliciosa torta napolitana.

Thomaz de La Rue guardava suas moedas numa casa de papel.

Acarajés são crocodilos que nascem defeituosos.

Ícaro fez muita cera antes de cair do Monte Olimpo.

Capilar é um refresco feito sem muita higiene.

Vana Verba foi a primeira cantora profissional de Roma.

Mastodonte é um ator italiano horrível.

Catacumba é um inchaço que dá no pescoço das múmias.

Capachos são índios mexicanos muito submissos.

Esôfago foi um ventríloquo grego fabuloso.

Ancinho é o nome que se dá aos velhos de menos de um metro.

Édison foi um gênio que saiu da lâmpada.

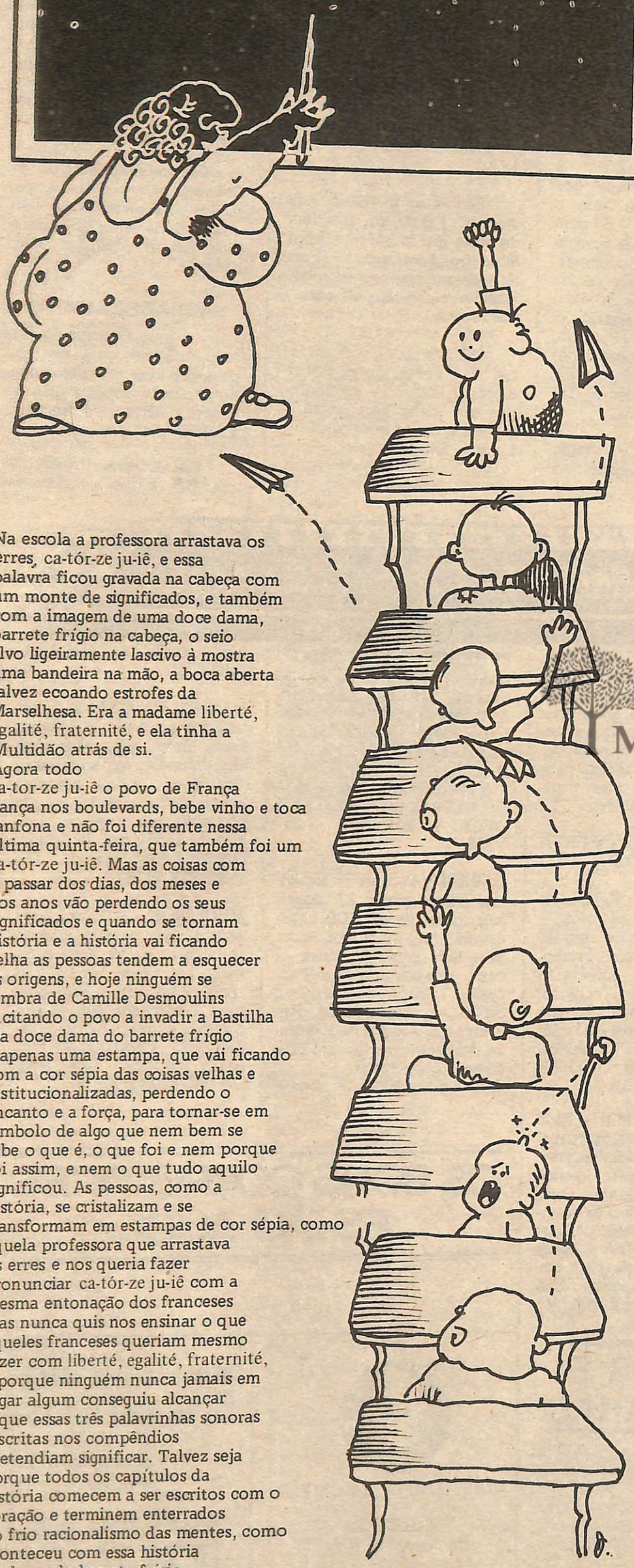
Zarteu

TRUZ O AVESTRUZ



AH MABS

14 de Julho
(ou a dama do barrete frígio)



Na escola a professora arrastava os erres, ca-tór-ze ju-iê, e essa palavra ficou gravada na cabeça com um monte de significados, e também com a imagem de uma doce dama, barrete frígio na cabeça, o seio alvo ligeiramente lascivo à mostra uma bandeira na mão, a boca aberta talvez ecoando estrofes da Marselhesa. Era a madame liberté, egalité, fraternité, e ela tinha a Multidão atrás de si.
Agora todo
ca-tor-ze ju-iê o povo de França
dança nos boulevards, bebe vinho e toca sanfona e não foi diferente nessa última quinta-feira, que também foi um ca-tór-ze ju-iê. Mas as coisas com o passar dos dias, dos meses e dos anos vão perdendo os seus significados e quando se tornam história e a história vai ficando velha as pessoas tendem a esquecer as origens, e hoje ninguém se lembra de Camille Desmoulins incitando o povo a invadir a Bastilha e a doce dama do barrete frígio é apenas uma estampa, que vai ficando com a cor sépia das coisas velhas e institucionalizadas, perdendo o encanto e a força, para tornar-se em símbolo de algo que nem bem se sabe o que é, o que foi e nem porque foi assim, e nem o que tudo aquilo significou. As pessoas, como a história, se cristalizam e se transformam em estampas de cor sépia, como aquela professora que arrastava os erres e nos queria fazer pronunciar ca-tór-ze ju-iê com a mesma entonação dos franceses mas nunca quis nos ensinar o que aqueles franceses queriam mesmo dizer com liberté, egalité, fraternité, e porque ninguém nunca jamais em lugar algum conseguiu alcançar o que essas três palavrinhas sonoras inscritas nos compêndios pretendiam significar. Talvez seja porque todos os capítulos da história comecem a ser escritos com o coração e terminem enterrados no frio racionalismo das mentes, como aconteceu com essa história da dama do barrete frígio.

Sandro Vaia

I

Em duas mansões da zona sul da Capital, casos que amedrontaram a cidade. Na primeira, a Chácara Flora, dois bandidos entraram na casa às 11 horas da noite, dominaram a família, estrupraram uma moça de 17 anos, jantaram, roubaram e foram embora. Como sempre acontece nessas ocasiões, surgem os comentários sobre a pena Capital, "única solução" – de acordo com esses comentários, para crimes "hediondos" ou, como se diz mais comumente, para crimes "graves".

II

Em junho, honrado com uma crítica sobre meu livro ("A Prisão"), feita por João Pedro da Fonseca, da Faculdade de Educação da USP, publicada no suplemento cultural do "O Estado de S. Paulo", pudemos ler a citação que ele fez de um livro do Dr. F. Pompeo de Amaral: . . . "conta-se, com efeito, que, em 1944, como tivesse corrido o boato de que a gripe ameaçava o país, a Prefeitura de São Paulo tomou providências de caráter urgente: mandou ampliar os cemitérios" (O problema da alimentação, página 66).

III

O mesmo João Pedro da Fonseca cita, ainda, nessa mesma crítica, um comentário que fiz na revista "Isto é", contendo palavras do secretário de Segurança Pública de São Paulo: "são os atos anti-sociais gerados e alimentados pela desorganização social, particularmente na família desagregada onde subhabitação, subnutrição, subcultura, subemprego compõem da infra-estrutura onde outra subcultura, a da violência, se manifesta em comportamentos sociais agressivos. O crime é e continuará a ser o grande problema social que persistirá enquanto persistirem causas de desajuste social, econômico e tantos outros" (revista n,o 16, página 28).

IV

Os dois casos das mansões da Zona Sul apenas exemplificam a violência predominante nos grandes centros urbanos. Houve, realmente, um grande impacto nesses dois casos. Mas um impacto consequente do nível social das pessoas, do cargo que ocupam, do lugar onde moram. Digo isso tranquilamente porque em São Paulo existe a média de um estupro por dia, seguido de três homicídios dolosos (os culposos são variáveis, mas sempre entre três e quatro, na média). Acontece que esses casos se desenrolam em bairros periféricos, tendo como personagens seres socialmente obscuros. Nem por isso, evidentemente, esses casos deixam de ser graves. Só que não se liga muito para eles...

V

Muita coisa tem sido publicada, durante os últimos anos, sobre violência. Só na Inglaterra, por exemplo, nada menos do que 6 mil livros, sobre o gênero, aproximadamente, foram editados durante os últimos cinco anos. As opiniões continuam controvertidas.

Na psicologia animal, podemos notar que a violência constitui regra. Para muitos animais, não ser violento não é natural, como afirma o Dr. Wertham, autor de estudos psiquiátricos e sociológicos sobre o tema.

Senão, vejamos: a natureza sacrifica uma criatura pela outra com dores terríveis. Existe um animal que morde a espinha dos animais menores, para que estes não possam correr, e conserva-os vivos como reserva de alimento.

Darwin não podia suportar a dor que a natureza inflige aos animais pequenos. Chegou a perguntar: qual a vantagem do sofrimento de milhões de animais menores nesse tempo sem fim? A pergunta nunca teve resposta.

VI

Mas os animais em geral, matam somente por uma razão: a sobrevivência.

A violência não é idêntica à raiva e à hostilidade. Os animais não matam por ódio, maldade, vingança, sadismo ou ganância. São, em geral, contrários a matar membros da própria espécie. Mais importante ainda: nunca matam sistematicamente grande número de elementos da mesma espécie. Isso, como já se pode perceber, é prerrogativa do homem.

Portanto, ensina-nos Wertham, não devemos, nunca, referir-nos à "bestialidade" do homem. Não é a besta que age assim; é o próprio homem. Um ensinamento dolorosamente verdadeiro.

VII

A repressão, apenas, nada resolve. Pode ser a pena capital. Pode ser a prisão perpétua. Sei que existe muita gente pensando que, existindo uma dicotomia entre o que é legal e o que é honesto, a lei frequentemente se transformaria numa retórica de justificação do crime. Assim, ser honesto implicaria na escolha consciente da transgressão.

Ora, os exemplos são muitos, irrefutáveis, e não são de hoje. Com efeito, Jack, o Estripador, tornou-se famoso retalhando mulheres (com menos perversidade do que no caso Tino. . .) na austera Inglaterra vitoriana. O bandido conhecido por M., O Vampiro, perseguia meninas pelas ruas de Dusseldorf sob o pouco permissivo regime nazista.

Culpa da imprensa? Não! Os casos de sádicos, maníacos, tarados – "monstros", como se gosta de dizer por aí, são – ao que se sabe – anteriores à palavra escrita. Na semana que vem, continuaremos o nosso raciocínio.

Percival de Souza

OU A VERDADE
É LIVRE, OU A LIBERDADE
NÃO É VERDADEIRA.

(Jacques Prevért)

AEL MABS

ZONA FRANCA

A PONTE TORTA PARA OU CONTINUA?

"Estou entrando de **bicão** nessa história da Ponte Torta, já que vocês não me entrevistaram. É que eu li a enxurrada de opiniões publicadas na última edição e gostaria de falar seriamente sobre o assunto. Trata-se do seguinte: não se trata, aqui, de discutir o valor histórico ou não da ponte, e sim de lembrar um outro acontecimento – lamentável, para mim – ocorrido há algum tempo. Referi-me à derrubada da velha igreja da Colônia, quando quase nenhuma voz, pelo que eu sei, se levantou para protestar com veemência. Só um outro protesto isolado, sem maiores consequências.

Ora, senhores, se a Ponte Torta tem seu valor, a velha igreja da Colônia não ficava atrás, foi construída por imigrantes, os primeiros imigrantes italianos que aqui chegaram. Se era para o bem do progresso a sua derrubada, que se fizesse pelo menos uma réplica da igreja, como lembrança, como uma homenagem àqueles que também fizeram a história de Jundiaí.

Para completar, minha opinião sobre a ponte: é histórica mas custa muito dinheiro conservá-la? Apela-se para o Patrimônio Histórico, lá de São Paulo (não sei bem o nome, mas deve existir um órgão que reconhece as obras históricas e se encarrega de pelo menos ajudar na sua preservação). Da Prefeitura é que esse dinheiro não pode sair, ao que parece, pois há muito que fazer na cidade, a começar pela reparação daquele maravilhoso "asfalto" jogado antes das últimas eleições, em nome do "dinamismo" e da "coragem". Por favor, não publiquem meu nome, pois detesto aparecer". (Um morador)

"Por que vocês não escolhem assuntos melhores do que esse da tal Ponte Torta? De papo furado já estou por aqui, ó. . . . " **L. Mitre**

MANIFESTAÇÃO

"Com meus comprimentos, passo às suas mãos xerox de nossa manifestação nesta casa, a respeito da "Noite da Seresta", realizada em Jundiaí". **Deputado Eduardo Coutinho, Assembléia Legislativa.**

Manifestação sobre seresta pode, né, deputado?

OBRIGADO (I)

"Senhor: O Clube dos Lojistas de Jundiaí tem a honra de convidar V.S. para participar do jantar de confraternização do "Dia do Comerciante", a ser realizado no dia 16 do corrente mês no Restaurante Tratoria Passarin, sito à R. Lúcia B. Passarin, s/n.o. Certos de contarmos com a honrosa presença, agradecemos antecipamente. **Dr. Waldemar Bertazzoni.**

O obrigado, Dr. Waldemar. Parabéns, srs. comerciantes.

FANTÁSTICO

"Sr. Outro dia meu telefone encrencou. Peguei a lista anotei o telefone de "concertos" da Telesp, fui à casa da minha vizinha e passei meia hora discando para o tal número. Não atendeu. Não é fantástico? Desculpe se não assino a carta, mas tenho receio que a Telesp possa demorar mais para consertar meu telefone, só porque estou escrevendo para o "Jornal de 2a.".

Fantástico a Telesp não atender. Fantástico o clima de medo que assola o cidadão brasileiro. Fantástico o show da vida que estamos vivendo. Alguém aí, muda de canal, por favor.

"Sr. Parabéns pela inclusão das novas seções sobre discos e livros. Os comentários são muito bem escritos e trazem muita informação". **Leny A. Silveira.**

Obrigado.

OBRIGADO (II)

"Senhor. Respeitosamente vimos convidar V. Sa. para se fazer presente em nossa sede social no próximo dia 8, sexta-feira, às 20h30, quando faremos a inauguração de nossa sala de Leituras. Contando com a sua presença para maior brilhantismo das solenidades, desde já agredecemos e nos subscrevemos. **João José Duarte Neves, presidente do Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista de Estradas de Ferro".**

Obrigado ao pessoal do Grêmio pelo convite e parabéns pela iniciativa de abrir uma sala de leituras. Esperamos que os gremistas leiam bastante.

AGRADECIMENTO

"A toda a equipe do Jornal de 2a. o meu obrigado pela reportagem feita quando de minha apresentação no Teatro Aliança Francesa". **Lúcia Olga Chaves.**

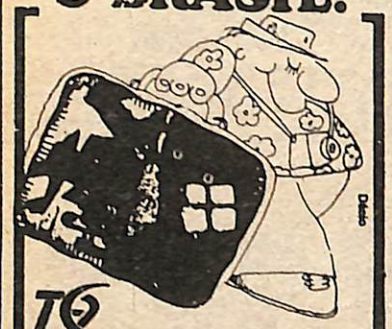
Era obrigação nossa, Lúcia. Nós é que agredecemos

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434 - 2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO
ROSARIO 925 FONE 6 3745

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO,626

CONHEÇA O BRASIL.

Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, ou consulte-nos
TURISMO CHECHINATO Ltda.
Rua Baronesa do Japi, 260
Fones: 436-7004 e 434-0562

OS BONS IMOVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326).

PARQUE DO COLÉGIO - nova, com 3 dormitórios, 1 suite, carpetados, todos com armário, sala grande, copa cozinha, lavanderia, dependência para empregada, abrigo, jardim, quintal, com todos os melhoramentos públicos. Cr$ 900 mil - OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasião fina residência estilo suiço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12x 25.
Cr$ 1.300.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

ANHANGABAÚ - Residência nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependência para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr$ 1.200.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

JARDIM MORUMBI - Residência nova, em fino acabamento, com 3 dormitórios com armário, 1 suite, banheiro social, sala grande com 2 ambientes, jardim de inverno, cozinha, lavabo. Abrigo para 2 carros, jardim lavanderia, dependência para empregada, quintal. Preço - Cr$ 1.300.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

IVOTURUCAIA - 54.000 m, plana, toda formada à 9 km do centro, casa sede, casa para caseiro, luz pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades. Cr$ 15,00 m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes. 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço . . . . . Cr$ 4.500.000,00 a combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone: 434 - 3311

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
Rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
Tel. 436 - 6388

Uma samambaia foi sequestrada com vaso e tudo, e o bandido exigiu 500 cruzeiros de resgate; nas floriculturas mais sofisticadas do Rio e de São Paulo uma samambaia de metro pode custar até 13 mil cruzeiros; uma senhora da sociedade passou dois dias chorando porque roubaram a sua samambaia de estimação; um médico e sua mulher fazem excursões periódicas aos lugarres ermos da Serra do Japi para colher raras samambais. A samambaia não passa de uma planta ornamental da família das gleiquênias, ou de uma mania nacional – a moda do momento?

SAMAMBAIA

A loucura do momento

Basta dar umas voltinhas pela cidade para notar a constância da samambaia nas varandas, abrigos de carro e jardins. As floriculturas de Jundiaí perceberam o aumento das vendas, embora tenha se registrado maior elevação nas grandes cidades.

Helena Yoshiyassu, proprietária da Flora Regina, acredita que isso esteja acontecendo principalmente nas capitais onde, "devido à poluição e ao concreto, as plantas tentam quebrar um pouco daquela cor sombria". As revistas também têm ajudado a divulgar, e embora a grande alteração dos preços não tenha ocorrido em sua floricultura, Helena acha o fato normal: "as pessoas começam a procurar e as floriculturas aumentam".

Mas porque a samambaia? Ondina Alves de 63 anos, tem algumas espécies delas e conta que antigamente todos os que gostavam de plantas tinham uma samambaia em sua casa:

– Mas agora parece que está muito em voga para a decoração interna. E como para tudo tem que haver um principiante, deve ter havido alguém que começou. Depois, por intermédio de suplementos, como o do Estadão, e lançamentos de arquitetos etc, parece que deu ensejo a que plantassem. E a samambaia é uma planta bonita, decorativa e não dá tanto trabalho".

Para manter as plantas viçosas, além da renovação anual da terra, Ondina tem um segredo: "eu sempre costumo dizer: planta é como criança. Precisa de cuidado diário".

Rosicler Alves também dispensa cuidados especiais às suas samambaias: molhar dia sim, dia não, plantar mudas em agosto, mas, o mais importante, como ela fala, "é acertar o lugar – iluminado e sem vento". Além disso, ela costuma recolher as mais bonitas durante a noite," para que não sejam roubadas".

Ouve-se falar em vários roubos de samambaias, mas as delegacias de Jundiaí ainda não registraram nenhuma queixa. O que não aconteceu em 1970, por exemplo, quando era moda furtar a vasos de antúrio.



COMO CUIDAR

Segundo os proprietários de floriculturas, existem alguns cuidados especiais para com as samambaias. É fundamental, por exemplo, que elas recebem luz solar, não diretamente, mas através de vidraças ou sendo colocadas em lugares claros, bem iluminados. As samambaias também não gostam de vento, mas não podem ficar em lugares abafados. Devem receber água dia sim, dia não, mas nunca exageradamente para que a raiz não apodreça. A terra deve ser vegetal (aquela preta) com um pouco de pó xaxim e adubo químico, além do animal (o esterco de galinha é o ideal). Tudo isso é vendido nas floriculturas que podem dar maiores explicações.

Quando o xaxim onde a planta está ficando velho ou pequeno, ela deve ser transferida e os meses propícios para isso são agosto e setembro, quando também as mudas devem ser plantadas.

ONDE COMPRAR

Em Jundiaí as samambaias podem ser compradas nas seguintes floriculturas:

Flora Regina (Vigário J.J. Rodrigues, 675), que tem vários tipos vendidos em xaxins: samambaia comum (de 70 a 80 cruzeiros); de metro (que pode custar até 900 cruzeiros); crespa (de 80 a 350 cruzeiros); rabo de peixe ou carioquinha (de 30 a 350 cruzeiros); amazonas (de 30 a 150 cruzeiros); holandesa (150 cruzeiros); renda holandesa ou filigrana (de 150 a 350 cruzeiros).

Além das samambaias formadas, a Flora Regina vende mudas que custam desde 15 cruzeiros (paulistinha comum), e xaxins, à partir de 10 cruzeiros.

Floricultura Flor do Paraíso (Barão de Jundiaí, 1003): samambaia de metro crespa (de 300 a 400 cruzeiros) e samambaia paulistinha por 250 cruzeiros. Vendem suportes de corrente, corda e ferro, além de uma vitamina líquida para essas plantas.

Floricultura Eden (Coronel Leme da Fonseca, 408): samambaia metro com folha larga por 400 cruzeiros e mudas paulistinha por 250 cruzeiros.

Floricultura Galeria (Barão, 706, lj. 10): aceitam encomendas de paulistinha larga ou fina por 60 cruzeiros. Vendem também suportes simples de 40 a 50 cruzeiros e coloniais por 80 cruzeiros.

Floricultura Flower (prolongamento da Baroneza do Japi, 90): samambaia de metro e americana de 200 a 500 cruzeiros. Há também uma samambaia avaliada em 3.000 cruzeiros, mas que não está à venda.





O POLITEAMA FICOU CADUCO (TAMBÉM, COM TANTO ESQUECIMENTO).

Por volta dos anos 30, o Politeama vivia seus melhores momentos – óperas, operetas e grandes artistas lá se apresentavam e a Cultura Artística de Jundiaí trazia bons espetáculos, todos vistos por um grande público que sempre lotava a casa.

Depois se instalou na cidade o Cine República, mais ou menos 1937, e aí começava uma concorrência pois, também lá, grandes Companhias eram apresentadas e na época o teatro musicado tinha grande público em Jundiaí. Mais tarde ambos se uniram, empresarialmente.

"Mas depois que apareceu o Ipiranga, o Politeama foi relegado a segundo plano", conta Irio Borgonove, antigo responsável pela parte cinematográfica daquele cine-teatro, que explica:

– Como no Ipiranga o conforto era maior (as cadeiras estofadas, por exemplo) e a programação melhor, além de outros fatores, o público mais jovem principalmente, passou a preferí-lo".

Há cerca de 10 anos, além de algumas reformas, a tela foi adaptada para passar filmes em cinemascope sendo então o único cinema da cidade com tela de maior dimensão. Mas não foi o suficiente para reativá-lo, conforme fala Irio, "não deu para levantar a força, a não ser quando passasse um filme excepcional como "O Aeroporto".

Para trazer companhias a Jundiaí, também começaram a surgir dificuldades durante esse período pois, relata Irio, "uma peça, por exemplo ficava meses em São Paulo e não convinha aos artistas ficar para lá, e para cá, nem para outras capitais eles íam. Agora parece que está mais fácil".

Foi ainda um grande sucesso "Infedelidade ao Alcance de Todos", uma das últimas peças trazidas ao Politeama. Mas já quando Procópio Ferreira, há 15 anos lá se apresentou, o público não passava de 50 pessoas.

Por volta dessa época o Politeama começou a decair. Hoje aquela miniatura de municipal menos sofisticado, com todas as suas instalações, palco, galerias e corredores, está totalmente abandonada, em ruínas.

Durante a gestão de Ibis Cruz, a Prefeitura desapropriou o prédio, mas em seguida a medida foi revogada.

Atualmente a Prefeitura não tem planos para aquele teatro e segundo o coordenador de planejamento, Antônio Fernandes Panizza, "a iniciativa para dotar Jundiaí de um teatro não deveria recair sobre o Politeama".

Para Panizza a reconstituição não é viável e ele diz que se fosse para optar por um prédio já existente há, por exemplo, o Cine Vila Arens em melhores condições.

"Apesar de ser um prédio velho e respeitável, explica Panizza, ele não tem boas condições para abrigar atividades contemporâneas. É um grande prédio com paredes de alvenaria em sua periferia, mas com toda a parte interior e o próprio forro de madeira".

Então ele não ofereceria condições seguras (podendo ocacionar incêndios), e além disso, conforme fala Panizza, "espaços adjacentes para parqueamento e outros benefícios lá não existem".

Para Nelson Lucenth da Empresa Jundiaiense de Cinemas, responsável pelo pagamento dos aluguéis do Politeama "aquilo lá está morto".

Segundo ele, o contrato que a empresa tem com os proprietários, herdeiros do Dr. Olavo Queirós Guimarães (todos residentes fora de Jundiaí), vencerá em 1978 e até lá terá que ser respeitado. "Explorá-lo, fala Nelson, é impossível, a reforma custaria uma fábula". **(L.C.C.)**

NAS MATINÊS, SUSPIROS E BEIJINHOS INTERCALADOS POR PASTELÃO E BANG-BANG

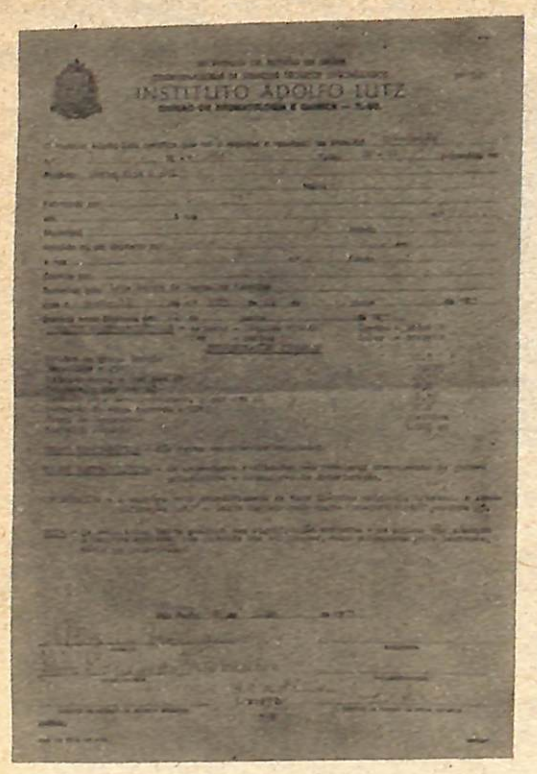
Ir à matinê do Politeama foi programa obrigatório – e ansiosamente esperado – por duas gerações de jovens jundiaienses, desde 1920 até fins dos anos 40. As sessões eram domingueiras e começavam às duas da tarde, apesar do nome matinê.

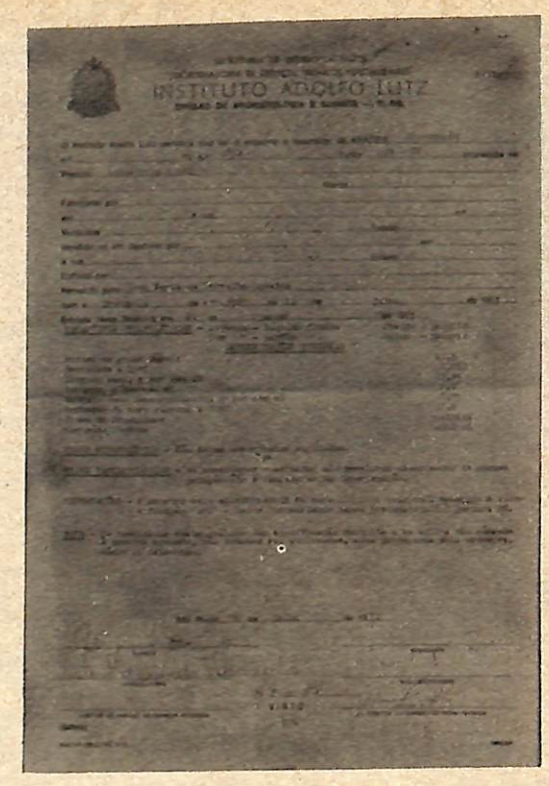
Era ali, no apagar das luzes, que tímidas "milindrosas" ludibriavam a vigia paterna para, por duas horas seguidas, permitirem que os afoitos "almofadinhas" com quem haviam "flirtado" e trocado bilhetinhos pudessem, finalmente, tocar suas mãos, atreverem-se a um cochico mais próximo, fazendo corar o resto de suas faces parcialmente cobertas pelo carmim do "rouge" ou do papel crepon umedecido. Nas telas, gesticulavam "Chico Bóia", "Carlitos", Ben Turpin, Glória Swanson, Lionel Barrymore, Douglas Fairbanks (o pai), no tempo do cinema mudo.

Alguns anos mais tarde eram Hoppalong Cassidy, Charles Starret, Randolph Scott, Bruce Cabot, Johnny Weissmuler resmungando vozes rouquenhadas e disparando colts 45, enquanto as garotas, agora com seus vestidos inchados por anáguas engomadas, já permitiam um pouco mais intimidade por parte dos rapazes glostorados que, instante antes das luzes se apagarem, faziam "footing" pelos corredores do cinema escolhendo sobre quem seus braços vestidos com linho 120 iriam ser amassados.

Durante esses 20 anos, o trecho que liga a praça Governador Pedro de Toledo à Esplanada do Castelo foi uma passarela alegre de pessoas que hoje devem estar em suas casas, mais velhos, menos velhos, semi-mortos diante da luz branca de seus televisores.

Semi-mortos como o velho casarão em cuja fachada ainda hoje se lê "Cine Theatro Politheama".


INSTITUTO ADOLFO LUTZ


INSTITUTO ADOLFO LUTZ

OS TÉCNICOS DIZEM QUE O LEITE É BOM. AS DONAS DE CASA NÃO.

Tecnicamente o leite que está sendo distribuído em Jundiaí é de boa qualidade. Isso de acôrdo com o parecer da Coordenadoria de Serviços Técnicos Especializados do Instituto Adolfo Lutz. Segundo a análise realizada nos leites tipo "C" dos laticínios Bragança e Viaducto, a qualidade do leite que o jundiaiense toma pode até ser considerada como boa. Essa opinião técnica, porém, não concorda com a opinião de diversas donas de casa ouvidas na cidade. Para elas o leite, principalmente o "C", não agrada e é alguma coisa mais parecida com um líquido branco aquoso, sem gosto nenhum.

Na opinião de dona Esmeralda Peliciari, o leite tipo "C" só serve mesmo para fazer bolo ou doces. Nascida em Jundiaí, dona Esmeralda acha que o leite vendido antigamente nem pode ser comparado com o atual. "O leite poderia ser de melhor qualidade; ele cheira e tem gosto de tudo, menos a leite.

Das pessoas ouvidas, nenhuma mostrou alguma simpatia em relação ao produto oferecido em Jundiaí. Para espanto de alguns, a análise do Adolfo Lutz afirma que os aspectos é de líqui - do fluído, a cor é marfim (?) e o cheiro e sabor são próprios de leite. Para dona Delma Rossi de Souza, isso tem uma explicação: "é que o pessoal do Adolfo Lutz é paulistano e acredito que nunca experimentaram leite fresco, tirado na hora. Para quem está acustumado com o leite péssimo que é vendido em São Paulo, obviamente o sabor só poderia ser considerado como "próprio".

Ainda segundo análise, "as semeaduras realizadas não revelaram crescimento de germes patogênicos e causadores de deterioração". Também neste aspecto há discordância entre o parecer técnico e o prático. Dona Edna Dasambiagio afirmou que está quase à beira do desespero. "Acho que se o leite é considerado bom, então eu sou azarada, porque várias vezes o leite que comprei acabou azedando. Se a gente não coloca o saquinho dentro do congelador, com muito cuidado, daí a poucas horas o leite azeda".

A OPÇÃO

Atualmente a opção do jundiaense é tomar leite tipo "B", mas isso representa um pouco mais de gasto no final do mês. O leite "B" é vendido na cidade por oito cruzeiros, enquanto o tipo "C" custa a metade Cr$ 4,50.

Ocorre que em certos dias os laticínios diminuem sensivelmente as quotas do leite tipo "C", o que não acontece com o "B", que então pode ser encontrado com facilidade. Essa estratégia pode ser explicada em função do preço que o litro de leite "C" é vendido pelo produtor, que alega não ser o ideal, já que lhe permite um lucro mínimo. Talvez por isso o leite "C" desapareça periodicamente do mercado., em benefício do seu irmão mais integral.

AS DIFERENÇAS

O médico Carlos Reiter explica que o leite "B" é praticamente puro. Esse tipo de leite passa pelo processo de pasteurização, que consiste no seu aquecimento e posterior resfriamento, mas não chega a sofrer alterações na sua composição. O leite para ser enquadrado na categoria "B" precisa ser produzido de acordo com algumas exigências, entre elas a de ser colhido mecanicamente. Além disso, o estábulo e os animais têm que se submeter a um controle muito grande quanto à higiene.

Por outro lado, o leite tipo "C" é tratado como uma espécie de "ovelha negra". Normalmente é oriundo de diversas regiões produtoras e passa para a sua categoria a partir do momento que não se enquadra nas exigências para ser leite "B". Quanto à higiene, o tipo "C" pode ser comparado com o tipo "B", mas em relação à qualidade ele perde de longe. O seu teor de gordura cai bastante, de 3,2 que é o ideal, para apenas dois por cento em cada cem mililitros.

CARNE CO... UMA ... POUCO A...

Como uma grave ameaça que se abate sobre suas mesas, os jundiaienses, neste ano, correm o risco de terem que consumir a famigerada carne congelada. Mas ainda não é ocasião para se entrar em pânico: ninguém, oficial e publicamente, sabe de qualquer notícia a esse respeito. O que se ouve, por enquanto, são apenas boatos.

Se Jundiaí tiver que ser abastecida por carne congelada, será pela primeira vez. Nos anos anteriores em que a medida foi utilizada, apenas sofreram as consequências a Grande São Paulo e algumas outras cidades importantes. Houve até casos de pessoas de São Paulo que mandavam buscar carne em Jundiaí, só...

Esse ... pessada, ... contro ... ninguém ...

Já ho... respeitada... de, algum... da boiada... tempo. A... suas carac...

ERA UMA VEZ OS BOIS...

Os tempos mudaram em Jundiaí. Daquela época em que o açougueiro Carlito buscava o gado todo o dia de madrugada na invernada dos Piochi, lá perto do Bairro do Engordadouro, para abater no Matadouro Municipal, já se vão muitos anos. Depois de cinquenta e dois anos mexendo com gado e vendendo carne no seu açougue no Anhangabaú, Carlito relembra os tempos passados com ar de alegria.

— A gente levantava às duas horas da madrugada, arreava o cavalo e ia buscar o gado. Todo o dia a viagem se repetia a cada vez era diferente das outras: tinha estouro de boiada, algumas cabeças de gado se desgarravam. Mas era divertido viver daquele jeito.

Assim como Carlito, que sempre teve seu açougue no Anhangabaú, outros açougueiros da cidade levavam esse tipo de vida por volta de 1930, como era o caso do Américo Picchi. Era um jeito de viver próprio para rapazes obstinados, que tinham prazer em estar com animais, ao ponto de, durante as festinhas, os amigos açougueiros se reunirem e não falarem de outra coisa senão de boi. Era o assunto preferido daqueles que se arriscavam todos os dias pela estrada deserta que ligava o matadouro Municipal, na Barreira, com a invernada no bairro do Engordadouro. Atualmente, no lugar do antigo matadouro existe uma escola, a rua dos Bandeirantes e a estrada Velha de Campinas estão asfaltadas.

— Tudo mudou muito — explica Carlito — desde aqueles tempos e isso acontce por causa do progresso. Agora a gente recebe a carne aqui na porta da casa, não precisa nem fazer força. Só que dos vinte mil réis que eu pagava por mês de imposto por volta de 1940, passei a pagar até para ficar aberto mais umas horas por dia.

Carlito está com 63 anos de idade e desde os onze anos trabalha em açougue. Primeiro era empregado dos Picchi, mas depois montou o seu próprio negócio e passou a comprar o gado com o ex-patrão. Jundiaí era uma cidade pequena, ruas de terra e o Anhangabaú tinha poucas casas e, consequentemente, a freguesia não era grande. Da manada de mais ou menos trezentas cabeças que chegavam a Jundiaí todo o mês, Carlito ficava com mais ou menos vinte. "Isso dava para servir minha clientela".

O lucro não era muito grande, mas dava para o gasto. Cada cabeça de gado custava para os açougueiros noventa mil réis. Depois tinha a taxa de vinte mil réis para o matadouro e mais cinco mil réis para o transporte até o açougue. Era comum ver Carlito sair do matadouro todos os dias com a sua carrocinha cheia de carne, que seria vendida no seu açougue. Afinal, o esforço compensava, porque poupava os cinco mil réis do carreto.

Dificuldades todo o açougueiro sempre teve. Antigamente o povo não tinha muito dinheiro, Jundiaí era uma cidade agrícola e o poder aquisitivo da população não era mui-

DO PASTO PARA A SUA MESA

Das invernadas de distantes fazendas no Estado de São Paulo, Goiás e Minas Gerais, principalmente, o gado de corte chega a Jundiaí, sobre possantes caminhões. Descarregados no Frigorífico Guapeva, os animais aguardam cerca de 24 horas para serem abatidos, sendo alimentados apenas com água.

Nesse período, é feita a primeira inspeção do gado. Através da observação direta, os veterinários da DIPOA —

Departam... Produtos ... — vêem ... problema... doença c... mas só p... enquanto...

Os ... para aba... sam pel... tem um... bre: aca... tório) s... um proc... to como...

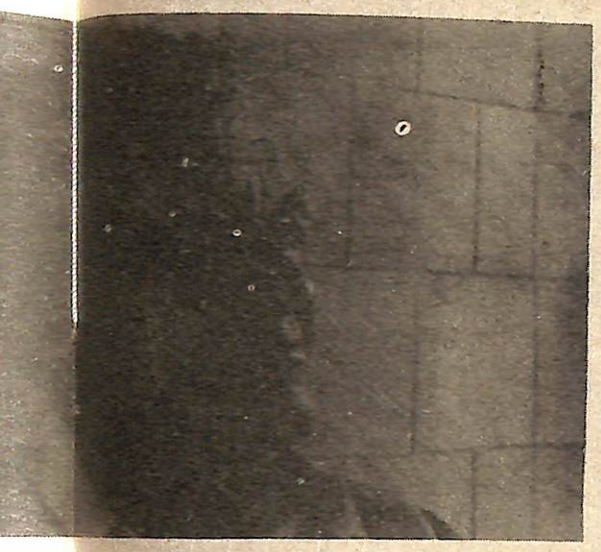
JAH MABS

NGELADA, NOVIDADE PETITOSA.

para não ter que comer da congelada.
assunto, bastante controvertido durante a semana
nhou dimensões ainda maiores por causa do desen-
re as informações oficiais. Ninguém sabia de nada,
nha qualquer tipo de certeza.
uve tempo em que a carne, em Jundiaí, era mais
A ção e o abate faziam parte da vida na cida-
as vas sobressaltada com um eventual estouro
a minho do matadouro. Mas isso faz muito
iás, o tempo em que a cidade ainda tinha todas
ter ís as, as qualidades e defeitos eram só seus.



OS AÇOUGUEIROS EM JUNDIAÍ...



Segu o Carlito, para se viver tinha que trabalhar
mas que se ganhava era suficiente para levar uma
ila.

A BOIADA

o q jundiaiense comia por volta de 1940 vinha
pa da região de Mogi Mirim. Era uma viagem
est de terra e quando chegava o gado era le-
a ir ada dos Picchi, na Fazenda Santa Ílide. A
ra tr o gado até o matadouro, quando normal-
ntec estouros. Carlito relembra um deles, quan-
a dis e subiu para os lados da cidade. "Foi uma
ue s do. Enquanto a gente tentava de todos os
mar animais, a molecada fazia traquinagens e o
a m ustado ainda. Alguns bois chegaram até a
trat to de água (atualmente em frente ao cemi-
vara cercas no peito. O difícil mesmo foi tirar
s de o do reservatório de água".
ougu mais antigos nem se lembram dessa histó-
ça e mais, "que eram sadios e nem precisava de
ou parecidas".

VIDA DURA

ame ara ser açougueiro, tinha que ser meio
star da dura e de estar sempre em contato com
ra u ida difícil, de levantar de madrugada e en-
estr açuras e poeirentas para buscar o gado na
Ma Carlito isso tudo foi o motivo principal
istên Hoje, com os cabelos brancos, ele não sai
rás d ção do seu açougue e do passado só exis-
mbra "A cidade cresceu muito – conta Carli-
to – e onde era rua de terra hoje está tudo calçado. As dificuldades que antigamente se transformaram nos impostos e a gente continua na profissão porque é o que se sabe fazer".

Antes, quando a situação apertava, a saída era comprar o gado disponível nas fazendas aqui por perto de Jundiaí, como por exemplo Itu, Salto, Itatiba. A maior fonte de lucro dos açougueiros eram as miudezas do boi, como o fígado, o bucho, rins, e o couro. Na venda das miudezas e do couro, dava para Carlito tirar cinquenta mil réis por mês, "o que já ajudava a levar a vida". Esse aspecto também mudou: atualmente o açougueiro recebe a carne limpa do frigorifico e tem que tirar o seu lucro nas custas do freguês. Na opinião de Carlito, tem que se fazer ginástica para levar uma vidinha mais ou menos. "Agora a gente vê o boi quando ele já esta morto há muito tempo e só tem o trabalho de desossar algumas partes. Tudo vem arrumadinho, dentro de grandes caminhões e o papel da gente é vender a carne", explicou.

CARNE CONGELADA

Uma coisa Carlito nem gosta de falar: carne congelada. Primeiro porque não está acostumado a mexer com ela e segundo a clientela estranha e compra menos. Daí, lá se vai uma boa parte do lucro. E as contas têm que ser pagas sem atraso para o frigorífico.

– Há uns dois anos recebi uma remessa de carne congelada e confesso que não foi uma boa experiência. A carne fica um pouco escura e solta muita água, e acaba causando má impressão ao comprador.

Carne congelada em Jundiaí? Carlito não acredita e faz questão de dizer que nem quer acreditar, porque com isso o trabalho aumenta. "É difício desossar esse tipo de carne e a gente acaba perdendo muito tempo, que no fundo representa dinheiro. Se a clientela não compra e a gente perde tempo, então a situação poderá ficar mais difícil do que já está".

Mas para quem sempre foi açougueiro e apesar das dificuldades não pretende deixar de trabalhar no ramo, Carlito procura não se assustar. Se for preciso lidar com carne congelada ele fará a experiência. Tudo vai depender da reação do freguês. Demonstrando tranquilidade, ele explica que nunca lhe disseram nada a respeito da venda de carne congelada em Jundiaí. "Por enquanto está tudo normal, a carne é verde, fresquinha, e até agora o frigorífico não disse nada a respeito".

Na opinião de Carlito o abastecimento de carne fresca tem sido normal em seu açougue e a distribuição de carne congelada parece estar apenas nos comentários de rua. Mesmo nas entresafras, como atualmente, Jundiaí nunca precisou ser abastecida com carne congelada. E os açougueiros da cidade afirmam que estão recebendo quase toda a carne da parte traseira do boi, considerada a melhor parte para a comercialização.

OPINIÃO

Aos poucos Jundiaí vai perdendo aquele seu jeito de cidade provinciana e começa a tomar ares de cidade grande. Uma das coisas que comprova isso é a ameaça de que brevemente o jundiaiense ter que comer carne congelada, quebrando um costume antigo. A carne distribuída na cidade sempre foi do tipo "verde", ou seja, proveniente do animal abatido no mesmo dia e sem passar pelas câmaras frigoríficas.

A simples notícia de que a carne congelada seria vendida na cidade provocou reações de descontentamento entre muitas donas de casa. As queixas invariavelmente se fundamentaram no sabor, aspecto e consistência da carne congelada, que de forma alguma agrada as cozinheiras.

Na opinião de dona Diva Mariano, a carne congelada depois de frita fica endurecida e adquire um aspecto diferente. "A carne fresca é, sem dúvida, bem melhor. Qual a cozinheira que não gosta de sentir aquele cheirinho gostoso da carne quanto está sendo preparada? Já imaginou um belo bife acebolado, macio, meio sanguinolento e com aquele cheirinho gostoso? Quem é que aguenta ficar sem isso?".

O tempo em que o jundiaiense terá que comer carne congelada parece não estar muito longe. Onde há fumaça é indício de que existe fogo e, por isso, os comentários de que brevemente a carne congelada chegará a Jundiaí, parecem confirmar que essa nova realidade não está assim tão distante. Algumas donas de casa preferem nem falar nisso, como é o caso de Madame Rocha. "Se isso acontecer será o máximo da desgraça. Essa carne mais parece uma palha seca, não pega tempero, o bife fica branco e quanto é posto na frigideira cria aquele aguaceiro em volta".

Madame Rocha diz que não se perturbará com a chegada da carne congelada: "o brasileiro tem que aprender a utilizar as opções que existem e nesse caso eu vou passar a comer outras coisas, como frango, peixe e cabrito".

Para dona Albertina Boscato, se a carne congelada for vendida em Jundiaí, vai ter que enfrentar um sério problema. O seu cãozinho de estimação já deu demonstração de que esse tipo de carne ele não come. Mas o problema de dona Maria Encarnação é outro bem diferente: o preço da carne. "Imagine o senhor que os açougues estão vendendo num preço exorbitante e o pior é que ninguém liga, não tem fiscalização. E infelizmente a gente acaba caindo no açougue, porque lá a carne é mesmo fresca, o que nem sempre acontece nos supermercados".

Noêmia Biancardi se diz feliz, porque nunca experimentou carne congelada nos trinta anos que mora em Jundiaí. "Estou de orelha em pé e aguardando a chegada dessa carne, da qual todas as minhas amigas falam mal".

Em relação à distribuição de carne congelada em Jundiaí uma coisa é certa: quem já comeu não gostou e quem não comeu aguarda a sua chegada com desconfiança.

...peção de ... Animal ...mal têm ...e alguma ...eus sinto- ...ercebidos ...stá vivo. ...ondições ... não pas- ...inspeção ...mos no- ...o crema- ...dos para ...nça vis- ... marre-tada entre os chifres e os olhos. A pancada é firme e produz um som abafado. E o boi cai. Aqueles que relutam em caminhar até isso, são obrigados através de choques elétricos.

Segundo o veterinário, o golpe da cabeça funciona como um anestésico, sendo insuficiente para provocar a morte, o que só ocorre depois que se pendura o boi pelas pernas traseiras e uma faca pontiaguda secciona as grandes veias que partem do coração. Através de uma corrente, o animal entra, dependurado, no processo de limpeza.

Depois da eliminação dos chifres e dos cascos, procede-se na retirada do couro. Os métodos mais modernos utilizam uma faca circular que vai cortando os ligamentos até o couro se desprender inteiramente. Mas usam também o processo de puxar o couro com uma máquina.

Depois disso, o animal perde a cabeça, que sofre a primeira inspeção. Nos músculos do maxilar e na língua são procurados cisticercos. Se constatada a presença, a cabeça é condenada a se transformar em adubo. As vísceras são retiradas tomando-se o cuidado para que o conteúdo intestinal contamine a carcaça. Se isto acontecer, o animal acaba virando charque.

As vísceras também são inspecionadas, principalmente o fígado, órgão que pode apresentar cisticercose. Além disso, as glândulas linfáticas são examinadas para verificação de algum processo infeccioso. A partir daí a carcaça é dividida em duas partes longitudinalmente.

Só então ela segue para um resfriamento antes de ser distribuída. Mas antes disso é verificado se não ocorreu a rigidez provocada pelo acúmulo de adrenalina no sangue. Se houve, toda a carcaça vai para salga, transformando-se em charque.

No caso de carne congelada, a carcaça sofre um rápido resfriamento para não ocorrer a formação de cristais muito grandes no interior da célula. Quanto isto acontece, na hora do descongelamento a membrana celular se rompe e o conteúdo nutritivo escorre. Para o armazenamento, a temperatura da carne chega a 30 graus negativos.

Um concurso sobre a Ponte Torta. Breve.



A Ponte Torta: imortalidade assegurada

De tanto ver monumentos ou coisas históricas serem derrubadas ou demolidas na cidade, sem que ninguém fizesse alguma coisa ou que houvesse documentos que os menos preservassem a imagem do que há muito tempo representou uma faceta da cidade e de sua história dona Francisca Barbosa Gonçalves teve uma idéia. No caso da Ponte Torta isso não aconteceria: dona Francisca, mais conhecida pelo apelido de dona Chiquita, resolveu instituir um concurso de pintura, fotografia, desenho e escultura, com o objetivo de divulgar ao máximo a antiga Ponte Torta, que poderá ser demolida pela Prefeitura brevemente.

Dona Chiquita teve a idéia de realizar o concurso e não parou só nisso. Numa conversa com o arquiteto Antonio Fernandes Panizza, expôs sua intenção e imediatamente contou a mais um colaborador.

"O Panizza logo sentiu a necessidade de se fazer alguma coisa para preservar a imagem da Ponte Torta – explicou dona Chiquita – e se propôs a conseguir junto a Prefeitura uma certa verba para ser distribuída entre os primeiros colocados no concurso".

A idéia do concurso está lançada e, além do Antonio Panizza, já conta com a colaboração do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí, que será o patrocinador oficial.

Por enquanto, o Concurso sobre a Ponte Torta está na seguinte situação: a Prefeitura vai colaborar, se incumbindo de premiar os vencedores e já está havendo um movimento para se determinar os locais para as inscrições e os prazos para a entrega dos trabalhos.

A coordenação do concurso será feita por Geraldo Tomanik, diretor do Museu Histórico e Cultural e pela dona Chiquita, proprietária da Jund-Hobbies. A comissão de julgamento será composta, segundo Geraldo Tomanik, de especialistas nos diversos setores artísticos que abrangerá o concurso, como por exemplo escultores, historiadores, desenhistas, entre outros. Outro detalhe: não haverá limite de idade para os concorrentes.

Segundo dona Chiquita e Geraldo Tomanik, serão aceitas diversas modalidades artísticas. "Para se ter uma idéia disso – explicou Geraldo Tomanik – não vamos importar se o trabalho foi feito a bico de pena, em aquarela ou que seja uma escultura. O que importa é que tudo servirá para mostrar no futuro uma faceta histórica da nossa cidade".

Outra finalidade do concurso: descobrir novos artistas jundiaienses. Na opinião de Geraldo Tomanik, Jundiaí sempre teve muitos artistas, mas possui poucos trabalhos que mostram locais históricos da cidade. Como exemplo, Geraldo Tomanik conta que apesar de ter quase cem anos, a Ponte Torta só foi retratada uma única vez, através de um quadro feito por Diógenes Paes em 1959, e que atualmente está exposto no Clube Jundiaiense.

O concurso de desenho, pintura, escultura e fotografia sobre a Ponte Torta terá as inscrições abertas brevemente. E seus patrocinadores não pretendem parar só nisso: vão promover uma exposição de pintura sobre a Jundiaí antiga. (S.H.)

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais!
Com uma Caderneta de Poupança Habitacional APE você tem tranqüilidade. É a certeza de correção monetária trimestral e dividendos - com absoluta segurança. Abra uma Caderneta de Poupança Habitacional APE. Lembre-se que dinheiro chama dinheiro. Veja o que a Habitacional APE fez pelos seus clientes em 1976:

COMPORTAMENTO DE UM DEPÓSITO DE Cr$ 10.000,00 NO ANO DE 1976		
CADERNETA DE POUPANÇA HABITACIONAL A P E		
1/01/76-SD		10.000,00
1/04/76-CM	667,50	10.667,50
1/07/76-CM	927,01	11.594,51
1/07/76-DV	516,69	12.111,20
1/10/76-CM	1.075,60	13.186,80
1/01/77-CM	1.200,13	14.386,93
1/01/77-DV	632,45	15.019,38
RENDA FINAL DO ANO - 50,19		

Caderneta de Poupança Habitacional APE
Campinas • São Paulo • Americana • Jundiaí



PAULISTA

Então, o novo técnico chegou e deixou os jogadores à vontade.

O preparador físico e técnico Alércio Borelli não precisou utilizar teorias ou táticas famosas para levar o Paulista à sua primeira vitória no segundo turno do Campeonato Paulista, no jogo contra a Ferroviária. Segundo suas explicações, apenas pediu aos jogadores que jogassem aquilo que sabem, dentro do famoso sistema "arroz com feijão" e que olhassem o adversário com respeito. Com toda essa simplicidade, o time do Paulista conseguiu passar pela Ferroviária e, consequentemente, a paz voltou a Jaime Cintra.

Na quinta-feira passada, pela manhã, os jogadores participaram de um treino na base dos dois toques e pelas brincadeiras podia se notar que o ambiente mudou muito, em relação ao tempo em que o técnico era Roberto Belangero. A explicação dos jogadores era que com Alaércio Borelli na direção técnica havia mais condições de diálogo e isso foi fundamental para que o time pudesse render bem mais do que no início do segundo turno.

Meio tímido, demonstrando muita simplicidade, Alaércio Borelli explicou que o estilo de jogar da equipe não mudou, continua a ser o mesmo 4-2-4, variando para 4-3-3, do tempo de Belangero.

— O que eu fiz foi apenas colocar em campo os jogadores que me pareciam ter a melhor condição física.

Na sua opinião, o preparador físico, quando assume a direção técnica de uma equipe, sempre consegue bons resultados "porque a gente sabe exatamente até onde os jogadores podem chegar; temos conhecimento do poderio físico e das possibilidades de cada um".

Com humildade, Alaércio Borelli conseguiu o apoio de todos os jogadores, que não deixam de elogiar a forma como o novo técnico se dirigiu a eles antes do jogo com a Ferroviária, quando o time fez uma partida muito boa e poderia ter até vencido por uma diferença maior de gols. "Eu não sou técnico e sei das minhas limitações nesse campo. Ora, os jogadores também sabem que não conheço profundamente o assunto e por isso pedi que jogassem do mesmo jeito que o time jogou contra o Marília no primeiro turno, quando ganhamos por quatro a zero".

Graças à sua simplicidade, Alaércio Borelli já está no Paulista há quatro anos e nesse tempo trabalhou com muitos técnicos, como o Cilinho, Adésio de Almeida, Airton Diogo, Ilzo Nery, Pedro Beagin e finalmente o Roberto Belangero. Essa convivência acabou lhe dando muita experiência e ele aprendeu uma coisa muito importante: técnico que não consegue a simpatia dos jogadores não consegue realizar um bom trabalho.

— No caso do Belangero — explica Borelli — acredito que os jogadores se sentiam retraídos por causa da fama do treinador e isso prejudicava o diálogo. Muitos tinham receio de errar dentro de campo e quanto mais tentavam acertar, mais as coisas complicavam.

A decadência do Paulista no começo do segundo turno é explicada por Alaércio: os jogadores queriam uma certa liberdade para jogar e não tinham. Nesse erro ele não incorreu. No intervalo do jogo contra a Ferroviária, conversou com os jogadores e procurou achar uma forma de resolver certos desacertos do time. "Todos tiveram a oportunidade de falar de suas dificuldades dentro de campo. Parece que esse **papo** foi fundamental para chegarmos à vitória".

Daqui para a frente, Borelli pretende jogar dentro do esquema de esperar o adversário na defesa para contra-atacar, utilizando jogadores rápidos como o Brinda, Lula, Davi e Daércio. Foi assim que ganharam do Marília e da Ferroviária. A tendência do time daqui para a frente é melhorar, pois querem mostrar que não são tão ruins como afirmou o técnico Roberto Belangero.

Quanto a ficar como técnico permanente, Alaércio foi categórico: "já avisei a diretoria que estou nesse cargo só para colaborar, até a chegada de outro técnico. Aceitei o cargo provisoriamente porque gosto muito do Paulista.

Cuidado, que ano que vem a lei do ascesso vai valer.

Não se pense que a Vitória de 2 a 1 contra a Ferroviária tenha colocado todas as coisas nos seus devidos lugares. O Paulista está outra vez como sempre esteve: ao sabor do acaso.

Ao dispensar o técnico Roberto Belangero e assumir a decisão de não contratar mais nenhum técnico até o fim do campeonato, deixando o cargo interinamente confiado ao preparador físico Alércio Borelli (contra a sua manifesta vontade, inclusive), o presidente Vanderley Pires deu mais um passo em direção ao círculo vicioso onde o Paulista está aprisionado há anos.

No ano que vem, no começo do campeonato, voltarão os dirigentes do Paulista a correr atrás do técnico, de jogadores emprestados, e a improvisação será, de novo, a característica do time a ser montado. E a torcida ficará, mais uma vez, esperando os resultados para decidir se deverá comparecer ou não aos estádios.

Ao assumir o seu cargo, antes do início da atual temporada, o técnico Roberto Belangero dizia a este jornal, que sua intenção não era a de fazer uma campanha fulgurante, mas a de montar a base de um time razoável, que pudesse apresentar bons resultados a médio prazo. Por este ano, dizia Roberto, o Paulista deveria se conformar em lutar por uma posição intermediária. Embora tenha sido infeliz até mesmo nessa modesta pretensão, por alguns momentos, especialmente no primeiro turno, vislumbrou-se em certas partidas, pelo menos — um esboço de uma estrutura básica para um time razoável.

Mas como tudo é feito no imediatismo e sob pressão da torcida, mais uma vez a solução encontrada foi a de se demitir o técnico e tocar o barco até o fim do campeonato "como der". Aí, quando acabar o campeonato, os jogadores emprestados serão devolvidos, provavelmente outros serão emprestados, e o esboço de time que se formava, será mais uma vez desmontado.

Assim, no ano que vem, tudo será feito novamente na improvisação, na última hora. Quem tiver a coragem de segurar o leme do barco — se a atual diretoria não se candidatar ao sacrifício da reeleição — arcará com as consequências. E as consequências, em 1978, serão fatais: a Lei do Acesso estará em vigor. O Paulista terá que lutar muito para não ser enredado pelas malhas dessa lei. **(S.V.)**

Como vai o torneio da Astra

Seis equipes estão participando do 4.o Torneio de Futebol de Salão da Astra S.A. Indústria e Comércio: Acabamento, Transporte, Expedição, Máquinas, Escritório e Manutenção.

Na primeira rodada, a melhor atuação foi da equipe do Acabamento, que goleou o Escritório por 10 a 3, gols de Alvair 4, Wilson 4 e Dinga 2 para os vencedores e Targa, Dirceu e Gelson para os derrotados. Os times: Acabamento — Wagner, Dinga, Alvair, Wilson e Laércio; Escritório — Ganso, Dirceu, Gelson, Targa e Ademir. Nos outros dos jogos, Transportes venceu a Expedição por 3 a 2 e Manutenção e Máquinas empataram em 2 a 2.

Para o Transportes marcaram Casca 2 e Gugu, enquanto que o Du e Gilmar fizeram os dois gols da Expedição. Os times: Transporte — Zé Andrade, Luís Carlos, Casca, **Véio** e Gugu; Expedição — Gilmar, Vieira, Caum, Dinho e Du.

Os gols da Manutenção foram marcados por Tatu e Gerão, enquanto Melo fez os dois das Máquinas. Os times: Manutenção — Pedrão, Magrão, Tatu, Ivair e Gerão; Máquinas — Pimenta, Melo, Alemão, Squizate e Evandro.

(Todos os times — de qualquer esporte — que quiserem ter seu noticiário publicado no Jornal de 2a. - Feira podem entrar em contatc com a redação — Rua Senador Fonseca, 1044; publicação gratuíta).

REGISTRO

EMPOSSADA – A nova diretoria do Rotary Clube de Jundiaí; dia 30, com jantar no Restaurante das Carpas. A nova diretoria é a seguinte: presidente, Roberto Mangieri; vice, Celso Frigeri; 1.o secretário, Luiz Maran; 2.o secretário, Paulo Henrique Barbosa; 1.o tesoureiro, Oscar Panizza; 2.o tesoureiro, Waldemir Savoy; diretor de Protocolo, Casimiro Brites Figueiredo; diretor social, Gustavo Lívio Fleury Charmillot; diretor de Serviços Internos, Bento do Amaral Gurgel; presidente de serviços, Phillipe Westin Cabral de Vasconcelos; presidente de serviços profissionais, Rubens Robertoni; presidente de serviços internacionais, João Fernandes Gimenez Molina; diretor sem pasta, Josef Pfulg.



Mangieri: novo presidente.



Aldo: 40 anos de jornalismo.

COMEMOROU – Quarenta anos de jornalismo: Aldo Cipolato, colaborador do "Jornal de Jundiaí". Nascido na Vila Arens, começou na imprensa em 1937, com uma poesia publicada no "Jornal das Moças". Também trabalhou em "A Comarca", "A Folha", "O Jundiaiense", "Novo Diário de Jundiaí", "Jornal da Cidade", "O Vitória", "A Chaquita", "Fanfulla", "Revista de Jundiaí", "A Voz de Santo Antônio" (de Petrópolis, RJ), "Imprensa Paulista", "A Tribuna de Itatiba", "O Serrano", "O Tambaú", "A Marcha" (dirigida por Plínio Salgado) e "Revista do Lar, Jardim e Quintal".

HOMENAGEADO – Com um jantar, dia 9 de julho, no Restaurante Passarin, o Dr. Jorge Luiz de Almeida, recentemente nomeado para procurador de Justiça do Estado de São Paulo. A homenagem foi de seus amigos e dos associados do Clube dos Advogados de Jundiaí.

Fique Sabendo

ALUGUEIS – Começa a vigorar nesta semana (a patir de 18 de julho) a concessão por três meses de fiança da Caixa Econômica Federal nos contratos de aluguel. Terão direito à fiança todos os depositantes da Caixa que pagarem aluguel entre Cr$ 317 e Cr$ 10 mil, 532,40 e que tiverem renda familiar mínima de Cr$ 877,70 e máxima de Cr$ 21 mil, 942,50. Sobre o valor da fiança (três meses de aluguel), a Caixa cobrará do locatário 5 por cento, percentual relativo à taxa de expediente. O presidente da CEF, Humberto Barreto, justificou essa taxa de 5 por cento com a necessidade que a Caixa terá com o pagamento das despesas com fiança, contratação de empregados, acompanhamento e execução judicial: "A fiança é, realmente, gratuita. Mas há despesas administrativas, que têm de ser ressarcidas.

CONCURSO – A Revista "Guia de Camping" está promovendo o 1.o Concurso de Fotografia sobre Temas da Natureza e do Campismo. Serão distribuídos inúmeros prêmios e os trabalhos podem ser em preto e branco ou em cores, no formato de 18 x 24. Prazo para recebimento de inscrições: até o dia 30; mais informações: "Guia de Campismo", rua Araçatuba, 487, CEP 05058, Capital.

CURSO I – Para quem gosta de decoração: a Escola de Decorações de Interiores abriu mais 250 vagas para alunos residentes em qualquer cidade brasileira, através de seus cursos especiais por correspondência. Os programas e as aulas desses cursos são de autoria do arquiteto Simão Goldman e de uma equipe de decoradores; mais informações e formulários de matrículas: Escola de Docoração de Interiores, Caixa Postal, 2200, Porto Alegre, RS.

CURSO II – O Departamento de Produtividade da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo promove desta segunda-feira até o dia 28 de julho o Curso sobre Custos Industriais. Inscrições e Informações: Viaduto Dona Paulina, 80, 18.o andar, ou pelos telefones 239.0522 e 34.5195, ramal 88, Capital. Programa: Análise de Custos (introdução), Introdução à Contabilidade. Os Custos na Administração, Custo e Volumes na Produção, Contabilização por Ordem de Produção, Contabilização por Processo, Custos e Padrões, Os Custos Conjuntos, Os Custos e a Contabilidade Geral da Empresa. Expositor: prof. Paulo Jacobsen.

CURSO III – O Centro de Treinamento Empresarial promove de 18 a 28 deste mês o Curso de Comércio Exterior e Câmbio, tendo em vista as recentes modificações introduzidas pelo governo no setor. Informações e inscrições: rua Líbero Badaró, 377, 22.o andar, cj. 2210, telefones 36.9041 e 36.6269, Capital.

CURSO IV – O Sindicato dos Contabilistas de São Paulo promove deste dia 18 até 29 de julho um curso de Legislação Tributária. Aulas a cargo do professor Osvaldo de Moraes, diriamente, das 19h30 às 21h30. Inscrições: rua Formosa, 367, 3.o andar, telefones 239-0670 ou 34.9962.

DISCO & SHOW

Pedro França Pinto

Rosinha de Valença saiu perdendo nesta troca

Rosinha de Valença mostrou suas letras e melodias para Martinho da Vila, que gostou e resolveu produzir esse disco que transforma oficialmente a violonista em cantora e compositora. O disco chama-se **Cheiro de Mato**, foi gravado pela Odeon e deixa logo na sua primeira audição a certeza de um prejuízo: Rosinha de Valença saiu perdendo com a troca. As melhores faixas são justamente aquelas onde o novo não aparece e onde se ouve apenas o violão interpretando músicas de outros compositores.

Rosinha de Valença, cantando, fica somente na limitação do meio-termo: não entusiasma nem compromete. E suas letras – nas faixas "Os Grilos são Astros", "Meus Zelos", "Madrinha Lua" e "Usina de Prata" – são despretensiosas e conseguem agradar na exata medida da disposição do ouvinte em receber tamanha carga de bem educadas e ingênuas superficialidades.

O carro-forte dessa equivocada mudança na carreira de Rosinha de Valença é a faixa **Os Grilos são Astros"**, que sozinha já é capaz de justificar o título do LP: nela entram as noites passadas à beira do rio e dentro do mato, o pio do inhambu, o canto do galo, a roseira, os espinhos, a lua cheia, a orientação dos vagalumes, os grilos, os astros. Tudo no esforço de evocar a tranquilidade e o agradável descompromisso de um passeio na floresta – mas nada a lembrar a adequação das imagens e da construção de Águas de Março, por exemplo. O mais bonito fica por conta do coro formado pelas vozes de Sueli Costa e irmãs De, que ainda estimula um pouco o sonho nessa música em que a imaginação é tão importante – principalmente para se encantar ouvindo versos como "e das folhas da palmeira/esteira de amor eu faço", ou "tomo rumo indefinido/vou ao encontro de fadas".

Nas suas outras letras e melodias, Rosinha de Valença continua sonhando e toma como base a cantiga popular. Faz isso tão bem que seu trabalho desaparece: ele deixa a impressão de já ter sido feito há muito tempo, e mais de uma vez. Não há mesmo nenhuma necessidade de assinar uma letra como a de **Madrinha Lua.** Ela pode ser sem dúvida de qualquer um: "Minha madrinha Lua/ traz um amor prá mim/ bem depressinha agora, ô madrinha/ traz um amor prá mim".

A parte cantada do disco, levada dessa forma, é tão simples e delicada como vazia. Somente no lado B, onde Rosinha de Valença recupera o seu talento em quatro ótimos solos de violão, é que o LP sai do comum para entrar no inspirado. A faixa **Pedacinho de Chão** é totalmente irrepreensível; e em **Movimento da Vida,** a última música do disco (de autoria de Sueli Costa), Rosinha de Valença alcança todo o fundamental da força poética que inutilmente tentou reproduzir em suas próprias composições.

Ficha técnica – Direção artística: Mílton Miranda; direção de produção: Mariozinho Rocha; produção executiva: Martinho da Vila; técnicos de gravação: Toninho/ Dacy/ Serginho; Técnico de remixagem: Nivaldo Duarte; corte: Osmar Furtado; capa (de mau gosto): Elifas Andreato.





Rosinha: cantando não entusiasma nem compromete

VISITE O MUSEU. TEM EXPOSIÇÃO.

Desde sábado esta aberta a exposição do desenhista Fernando Ramos de Souza e do pintor Isaías Francisco de Morais no Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. São 15 desenhos e 12 pinturas recentes dos dois artistas jundiaienses. Esta é a primeira exposição oficial do ano, promovida pela Comissão de Artes Plásticas do Conselho Municipal de Cultura. Há planos para transformar a mostra numa exposição itinerante, fixando-se em vários lugares durante pequenos períodos, visando que um maior número de pessoas possa apreciar a obra desses artistas. Caso a experiência seja bem sucedida, pretende-se repetí-la com todas as outras exposições que forem realizadas pela Comissão de Artes Plásticas.

OS AUTORES

Fernando e Isaías já participam de exposições há algum tempo. O primeiro começou a mostrar seus desenhos há cerca de cinco anos, enquanto o outro expõe há apenas três anos.



As histórias de Eisner estão nos almanaques do Gibi.

O CONSELHO DE UM MESTRE DOS QUADRINHOS

"NÃO TENHAM MEDO DE IMITAR"

— Deixei Nova Yorque quinta-feira. Cheguei a São Paulo no dia seguinte, almocei, fiz uma conferência na Universidade, fui a uma recepção, depois a um concerto de música brasileira — é muito bonita, me disseram que era equivalente ao **jazz** antigo — e ainda me queriam levar, às três da madrugada, a uma boate. Não fui, estava exausto. No sábado, às oito da manhã. parti para Avaré, uma pequena cidade a algumas horas de São Paulo. Lá, se realizava um congresso de histórias em quadrinhos. Discutiu-se de tudo: política, imperialismo norte-americano, por aí afora. Falou-se até um pouco sobre histórias em quadrinhos.

É Will Eisner, falando sobre sua viagem a São Paulo, onde participou — como convidado especial — do congresso de histórias em quadrinhos realizado recentemente em Avaré. Aos sessenta anos, professor da Escola de Artes Visuais de Nova Yorque, ele é o criador de um dos mais famosos personagens das histórias em quadrinhos, o **Spirit**.

Embora essa seja considerada sua criação mais importante, Eisner diz que não discute e tem esperanças de que outros trabalhos seus estejam no mesmo nível. Ele começou a desenhar por volta de 1937, numa época em que ainda não se valorizava a profissão, e começou a aparecer justamente durante a explosão dos **comics** nos Estados Unidos:

Fui o primeiro a abrir um estúdio de quadrinhos para revistas. A firma se chamava Eisner e Inger. Meu nome vinha na frente porque o capital empregado (15 dólares) era meu. Foi a primeira experiência como capitalista. O escritório tinha apenas 1,5 metro por 1,5 metro. Quando o editor vinha nos visitar, alguém tinha de sair da sala.

"The Spirit" nasceu em 1040, "às duas horas da manhã", segundo ele. Uma distribuidora queria alguma coisa como o Super-Homem, uma espécie de super-herói, mas sério.

— Você já tem o personagem? — perguntou o editor.

— Bem, não é muito um personagem — respondeu Eisner. — É mais um espírito, um espírito que usa máscara e luvas.

Mas "The Spirit" não é o único personagem que ele criou. "Yarko", "Uncle Sara", "Black Condor" e outros personagens também foram criados por Eisner, para retratar a sua época.

— O humor é uma espécie de raiva que pode ser de dois tipos: raiva do mundo, no meu caso, e raiva das pessoas, no caso de Feiffer.

Seu conselho aos alunos que aprendem com ele na Escola de Artes Visuais de Nova Yorque:

— Não tenham medo de imitar. Imitem o mais que puderem. É da impossibilidade de atingir, imitando, a perfeição, que nasce a originalidade.

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

Um corajoso livro para mudar o consumidor

A cobrança do preço de uma mercadoria ou de um serviço provoca, frequentemente, este comentário do consumidor brasileiro: "**isto é um assalto**". Quase ninguém se preocupa, porém, com outros tipos frequentes de agressão à saúde e à segurança do consumidor, embora os danos possam ser muito maiores do que os prejuízos à economia popular. Ainda mais surpreendente é a passividade do consumidor brasileiro, que se limita a queixas e a comentários inúteis entre parentes e amigos.

Por isso, o recente livro **Isto é um assalto** (Editora Alfa-Ômega, São Paulo, 125 páginas, Cr$ 40,00) procura demonstrar que o consumidor brasileiro só tem uma eficiente arma de defesa: organizar-se em uma associação capaz de garantir seus direitos. O autor do livro, Demócrito Moura, é repórter do vespertino paulista **Jornal da Tarde**, onde trabalha há quase 11 anos, observando e denunciando as fraudes que prejudicam o consumidor no Brasil.

Embora já seja jornalista profissional há mais de 15 anos, o autor do corajoso livro acabou percebendo o ponto mais vulnerável do consumidor brasileiro: sua quase total desinformação em relação aos frequentes assaltos a que se expõe e, principalmente, em relação à arma que deveria usar em legítima defesa. Tudo isso, porém, fica revelado em **Isto é um assalto**, um livro de leitura agradável e extremamente oportuna.

Em um capítulo do livro, seu autor relata como os consumidores de outros países já estão **organizados em** poderosas organizações defensoras de seus direitos e, por isso, obtêm contínuas vitórias, que já conseguiram melhorar o sistema de preços e o padrão de qualidade das mercadorias oferecidas pela indústria e pelo comércio. O crescente poder das organizações de consumidores está transformando seus sócios em interlocutores respeitados nas reuniões de governos ou de instituições internacionais, que resolvem tomar alguma decisão importante no setor econômico, como se pode observar em uma proveitosa leitura de **Isto é um assalto**. Está chegando a hora em que o consumidor brasileiro vai trocar sua atitude passiva e lamurienta por um comportamento mais racional e consequente, se os leitores de **Isto é um assalto** aceitarem a principal proposta desse livro.



Neste livro uma proposta: consumidores, uni-vos.

CATÁLOGO

O livro "A Ilha", do jornalista Fernando Morais, sai esta semana em 10a. edição. Fernando Morais, que recentemente entrevistou Fidel Casto, está de viagem marcada para Angola. Vai coletar dados para o seu novo trabalho: "Um repórter na terra de Agostinho Neto".

Os livros mais solicitados durante o mês de junho no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa: autores brasileiros — **Éramos seis", Maria José Dupré; "Clarissa", Érico Veríssimo; "Amor de Salvação", Camilo Castelo Branco; "A Ilha", Fernando Morais; "Cinco Minutos", José de Alencar.** Autores estrangeiros: **"A mulher só", Harold Robbins; "Todos os homens do presidente", Carl Bernstein e Woodward Bob; "A profecia", David Seltezer; "O navegante", Morris West; "Um crime adormecido", Agatha Christie.**

O Gabinete informa ainda que no último mês foram adquiridos mais 120 livros, elevando agora para 20.727 o número de obras à disposição do leitor jundiaiense.

A Editora Forense anuncia seus próximos lançamentos: "Dicionário do Direito Administrativo", de José Cretella Júnior; "Direito Tributário aplicado e comparado", segunda edição, ampliada para dois volumes, de Ruy Barbosa Nogueira e Paulo Cabral Nogueira; "Tratado de Direito Tributário", volume sétimo, coordenação de Aliomar Baleeiro, e "Misão do advogado", de Prado Kelly.

A Ártenova lançando o livro de estréia de Maria Helena de Albuquerque Lima, "Candinha Barreto — profissão, prendas domésticas", 124 páginas, Cr$ 45,00.

Chegando às bancas o n.o 8 da revista de contos "Ficção" (98 páginas, Cr$ 20,00) com trabalhos de Rubem Fonseca, Braga Montenegro, Marcos de Vasconcelos, Maria Helena Chein, Henrique L. Alves, José Ferreira Gonçalves, Carlos Stein e outros.

Chico Anísio na praça com seu sétimo livro: "O tocador de tuba"; prefácio de Millôr Fernandes, capa de Ziraldo. Editora Rocco; 128 páginas, Cr$ 40,00.

"Que os mortos enterrem seus mortos" deverá ser o título do próximo livro de Samuel Rawet. Ele acaba de entregar os originais de seus contos à Editora Vertente, de São Paulo.

A Editora Mestre Jou acaba de reeditar "História social da Literatura e da Arte", de Arnold Hauser, em dois volumes. O primeiro volume, de 632 páginas, custa Cr$ 200,00; o segundo, de 561 páginas, Cr$ 175,00.

Hermann Hesse, que nos anos 60 se transformou no papa da juventude, tem mais um de seus livros publicados pela Editora Record: "Minha Fé". 128 páginas, Cr$ 145,00.

Um prémio de Cr$ 10 mil para o primeiro classificado e dois de Cr$ 2.500,00 para menções honrosas serão distribuídos aos vencedores do III Prêmio Nova Friburgo de literatura. Os trabalhos, com cinco cópias e o máximo de 30 laudas, deverão ser enviados à Divisão de Cultura da Secretaria de Educação de Nova Friburgo, avenida Alberto Braune, Centro, CEP. 28.600.

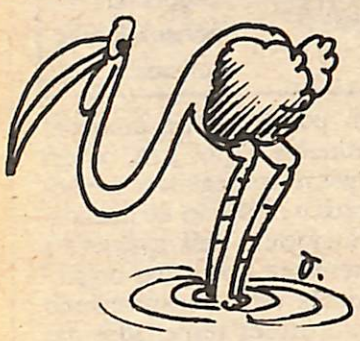
Gabriel Garcia Marquez volta às nossas livrarias com "Relato de um náufrago". Trata-se de um drama da vida real publicado em série pelo jornal "El Espectador", de Bogotá, em 1955, e editado em livro em 1970. São 134 páginas, Cr$ 45,00.

Endereço para correspondência: rua Milton de Souza Meirelles, 461, Parque Continental, São Paulo, CEP 05340.

N&O

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

Da Enciclopédia Barsa: "IBIS: ave da ordem dos ciconiformes, família tresquiornifídeos, gênero thereskiornis. O bico é longo, curvado para baixo. Nidifica em colônias. A Ibis sagrada T. aethiopica vivia antigamente em todo o vale do Nilo. Representava Thot, o deus da sabedoria. Por motivos desconhecidos, hoje esta quase extinta no Egito. À mesma família, pertencem espécies brasileiras conhecidas com Guará, curicaca, maçarico real, coró-co-ró, tapicuri e trombeteiro. A Ibis tem parentesco com as garças, as cegonhas e os flamengos e há 58 espécies que são cosmopolitas nas regiões temperadas do mundo. Habitam regiões úmidas e pantanosas. Algumas, porém, vivem também nas estepes". **(Pela transcrição. V.V.)**



AFRICAN LOOK

Já nasceu a nossa primeira girafa.

Falta um Idi Amim, ah, se falta! **(E.M.).**





BOMBA, BOMBA!

Backfire, B-1, Cruiser: Estados Unidos e União Soviética estão inaugurando, trinta anos depois das **V-1, V-2** (e daí prá frente), uma nova antologia de siglas. (Por acaso, alguém sabe a diferença entre a Bomba-A a Bomba-H; ou se um quiloton faz mais barulho que mil?). A última novidade na praça é a bomba de nêutrons, que já explodiu uma vez no famoso deserto de Nevada. Destrói qualquer vida animal num raio de 800 metros sem derrubar um tijolinho sequer. A discussão está feia, entre os cartolas de Washington e Moscou. Como se para quem morre fizesse diferença o que vai sobrar. **(J.E.B.).**

PREVISÕES

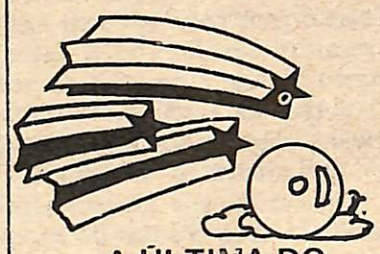
O colunista Zózimo conta em sua coluna no "Jornal do Brasil" que um grupo de videntes, parapsicólogos, astrólogos e quiromantes (olhaí, **JC:** polícia neles!) norte-americanos fez algumas previsões para o segundo semestre, entre as quais estas:

1) Jackie Onassis surpreenderá o mundo mais uma vez casando-se com o rei Hussein, da Jordânia. (Cá entre nós, ela surpreenderia o mundo se casasse com Idi Amin).

2) Vão descobrir que a droga **letrile** cura realmente o câncer. (Pensei que curasse o analfabetismo).

3) Caroline de Mônaco se casará com um apresentador de TV. (Se for o Sílvio Santos, vão dizer que ele deu o "golpe do baú"?)

4) Muhammad Ali deixará o boxe, trocando o ringue pelo cinema. (Estou apostando: só vai trabalhar em filme pesado) **AF**



A ÚLTIMA DO KHYOZORA

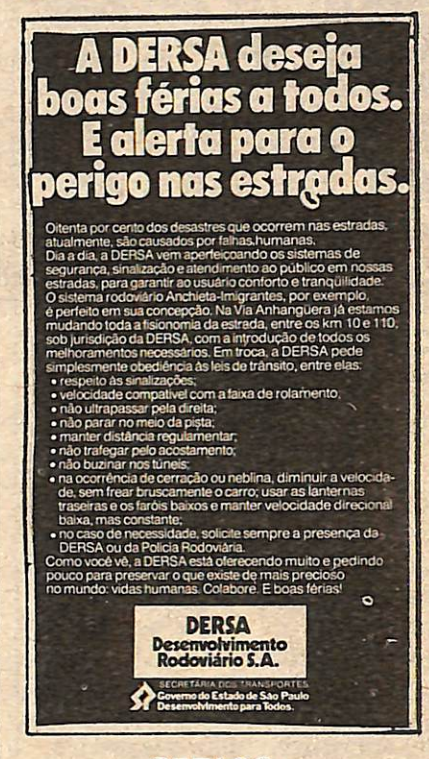
Apesar de uma promessa que fiz a Santo Aurélio (o protetor da gramática). tempos atrás, sou obrigado a voltar ao assunto "sociais", pois um atento leitor mandou para cá um recorte da edição jotajotesca do dia 8 de julho. Nosso bom Chiosora chamou o Ubirajara Chagas de Ubyar (o que é que ele vai dizer em casa, hein!), o Alceu Rossi de Alpheu (acho que foi o canapé que fez mal) e ainda por cima disse que a festa do lançamento do livro "Preciso Dizer que Te Amo" foi um acontecimento "marcativo" em nossa sociedade. **(A.F.)**

ISSO É QUE ERA

"Cedant arma togae" foi o que Cícero, há muito, mas muito tempo atrás falou. Para os menos avisados, trata-se de latim e quer dizer mais ou menos isso: os militares devem deixar o poder aos políticos civis. Ah! Ia esquecendo. Além de político, Cícero era muito sábio. **(K.)**

HUMAN RIGHTS

O padre Guy Posson, secretario geral da Conferência diso Bispo do Canadá, disse que "é uma atitude impensável que o governo canadense nunca tomaria" a proibição da conferência sobre os direitos humanos. Isso, a propósito do que aconteceu com o plano do CNBB de promover um encontro desse gênero. Resposta rápido: que país é este? (Kazuo)



PERIGO

Perigo nas estradas? Só no trecho São Paulo-Campinas eu conheço dois. Toda vez que eu passo por lá deixo 10 pratas. No fim da semana 15. Será que é isso que eles querem dizer? **(S.V.)**



PERDOAI-O, SENHOR!

"Só uma coisa é necessária: a salvação de nossa alma". Foi assim que H. Martinelli abriu a coluna **Meditação**, publicada no JJ do dia 10. Como a gente se salva da fome, do frio e da ausência de idéias o colonista não explicou. Aleluia! **(K.)**

TÁ INDO

O Cine Clube de Jundiaí que está sendo organizado, vai exibir curta-metragens poloneses, alemães, iugoslavos e holandeses nesta terça feira, dia 19, na Biblioteca Municipal (rua Rangel Pestana, 354) às 20 horas. A entrada é franca. As reuniões dos organizadores do cine clube estão sendo realizadas na redação do Jornal de 2a. Feira (Rua Senador Fonseca, 1044, fone: 434.8648) e são abertas a todos os interessados em participar.

Nota: a última sessão foi um sucesso. Parabéns. **(LCC)**

DISCOTHEQUES FILOSÓFIQUES

Num caderno especial, o "Jornal do Brasil" de 10.7.77 publicou uma reportagem a respeito da geração **chienlit**, *os novos filósofos que se dispõem a rever Marx e o marxismo-leninismo.*

A maioria deles tem entre 25 a 35 anos, participou dos movimentos estudantis de maio de 68, tem ou teve ligação com o Partido Comunista Francês e, depois de refletirem sobre o marxismo, partiu para escrever livros, promover conferências e até debater pela televisão as suas novas idéias. Os mais badalados desses **novos filósofos**, *como são chamados em Paris, são Bernard-Henry Lévy (29 anos) Guy Lardreau (30 anos), Christian Jambet (28 anos), Phillipe Nemo (28 anos), André Gluksman (40 anos) e Jean-Marie Benoist (38 anos).*

Segundo a reportagem, eles "irritam, incomodam, provocam. A esquerda se preocupa. A direita tenta recuperá-los".

Aposto um contra cem que dentro de mais uns meses vai ter patrício aqui do lado de baixo do Equador escrevendo livro, discutindo e participando de programas de tevê, para mostrar sua visão anti-marxista. Tem sido assim com a moda de inverno. Tem sido assim com as discotheques. Por que não será com o marxismo?

Como, meu caro chefe de família, aqui não se fala dessas porcarias? Contra, pode! **(E.M.)**

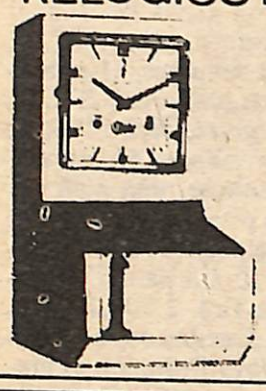
FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 — Tel. 436 - 8460

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

BARÃO, 427 — FONE - 436.8231



EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.



MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial — JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - Fones 434.4482 e 436.5086
CAMPINAS Matriz — SÃO PAULO Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453



O MAIOR ÍNDICE DE APROVAÇÃO

AUTO ESCOLA SÃO JOÃO

R. do Rosário, 466 - Centro
Fone 434-2143 - CEP 13.200

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente de seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434 - 7363 — 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

Décio

EUREKA!

Descobri de onde vem a história do King Kong. Quem já foi criança algum dia ouviu falar da história de Chapeuzinho Vermelho. O lobo, mais esperto que o gorila, comeu a avozinha. E quase papou a menina. **(K.)**



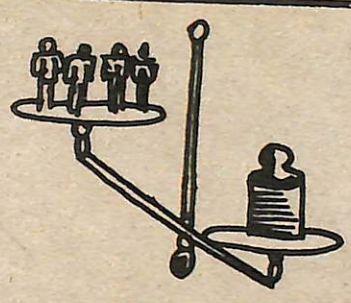
SUTIL, PERO NO MUCHO

Não sei o nome daquele locutor gordinho, de olhos saltados, que fala no último noticiário do canal 4, mas não resisto. Na segunda-feira, por volta da meia noite, ele estava comentando que grupo mais ortodoxo dos militares de 64 estava irritado com a Imprensa. Isto porque "um jornal centenário de São Paulo" havia publicado uma matéria denunciando o Banco Econômico e "uma revista que se vê por aí" entrevistou o Fidel Castro. Qualquer ouvido menos treinado poderia dizer que se tratava de "O Estado de S. Paulo" e revista "Veja". Esses nomes foram omitidos de maneira sutil. Como um paquiderme. **(K.)**

MOMENTO DE REFLEXÃO

Deus é paquistanês.
(E.M.)

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541



MINORIA JUSTICEIRA

Quatro sociólogos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes) foram demitidos de seus cargos por terem participado do movimento estudantil. Em maio de 1968.

Hamilton José Barreto de Faria, Carmen Regina Ribeiro, Suely Muniz Atem e Bernadete Sá Brito, os sociólogos, foram julgados pela Justiça Militar e absolvidos, o que não significa muito hoje em dia, né deputado Bonifácio? **(E.M.)**



MINORIA IMPORTADA

Alfred Kastler (prêmio Nobel de Física), Laurent Schwarz (da Academia de Ciência de Paris) e os escritores Michel Foucault, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre são alguns dos signatários de uma carta dirigida ao presidente Geisel pedindo anistia aos presos políticos brasileiros.

Uma intromissão que muito me honra. **(E.M.)**

CORRENTE PRA FRENTE

Antes do jogo entre o Brasil e Peru, nossos bravos atletas, representados pelo valente Paulo César, foram pedir um aumento de gratificação em caso de vitória, considerando-se que estavam "jogando um compromisso de grande responsabilidade e de grande importância para o País". (O prêmio era de oito mil cruzeiros).

Isso é que é amor à cami$a!!! **(AF)**

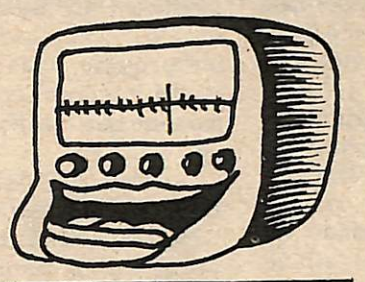


Paulo César

INDO PELOS ARES

Se você gosta de saber as notícias logo cedinho da manhã, o negócio é ligar na Rádio Nacional Globo (1.100 khz), para ouvir o "Jornal de São Paulo", feito por Sérgio de Souza, Narciso Kalili e Aloysio Biondi, entre outros bons nomes do nosso jornalismo.

Sérgio de Souza e Narciso Kalili, que já revolucionaram alguns jornais e revistas (Bondinho, Ex., Aqui São Paulo e Realidade dos bons tempos) estão botando pra quebrar no écran. **(E.M.)**





DEU NA "VEJA"

Numa matéria sobre a exploração de camponeses nordestinos que vêm trabalhar na lavoura paulista, a revista "Veja" (13.7.77, página 20) transcreve uma frase de um usineiro de cana nosso patrício: "Esses pernambucanos são como o lagarto verde, um bicho que só sabe viver em terra ruim. Se a gente pegar um lagarto verde e colocar numa horta com as mais belas alface, ele não fica, vai embora".

O nome do usineiro é João Marchesi Neto, um milionário de 34 anos que herdou usinas, fazendas, gado de seu avô.

Alô, pessoal de Pernambuco, anota o nome do homem: João Marchesi Neto. Quem sabe, um dia... **(E.M.)**

SUCESSÃO

No que me toca, essa especulação sobre quem será o próximo presidente é, no mínimo, inútil. Seja quem for, dentro dos atuais padrões, vai mudar o que? **(K.)**

PARCIPANDO (I)

Fui citado numa manifestação feita por um deputado na Assembléia de São Paulo, dia 30 de junho passado.

Calma, mãe. O deputado é Eduardo Coutinho, da Arena. E a manifestação dele foi sobre a "Noite da Seresta", da qual participaram os remanescentes dos "Chorões do japi" e o orador que vos fala.

Participação é isso, bicho. **(E.M.)**

PARTICIPANDO (II)

Quando o ex-prefeito Cruz (veja capa da edição passada do Jornal de 2a.) quis entregar o DAE à Sabesp, em mais uma das jogadas para acabar com a autonomia do município, o engenheiro Ruy Luiz Chaves foi convidado para esclarecer os então vereadores a respeito da asneira que a Câmara cometeria se aprovasse o projeto do Executivo. Ruy Chaves foi à Câmara, falou tudo e, graças também a ele, o ato não se consumou: a Câmara rejeitou o projeto.

Dias depois, soubemos que a direção da Sabesp (veja matéria sobre os terrenos da "9 de julho", no **J. 2a.** de 12.6.77) abrira um inquérito tentando inculpar o engenheiro por críticas à Sabesp (Ruy Chaves é o engenheiro do Estado).

Agora chega o resultado do inquérito, com sentença publicada em Diário Oficial: Ruy Luiz Chaves foi absolvido.

Participação é isso, bicho. **(E.M.)**

Inédito em Jundiaí
CURSO INTENSIVO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
Últimas vagas

Áreas: Administração Geral. Financeira. Mercadológica. Recursos Humanos. Produção. Radionalização do Trabalho.
Início do curso: 19 de julho. Duração: 4 meses.
(Empresas inscritas beneficiam-se dos incentivos fiscais)
Inscrições: R. Cel. Boaventura Mendes Pereira, 87.
Telefone: 434 - 1605
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS
(Credenciado n.o 22 — CFMO — Ministério do Trabalho)

" CDRH "

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 — Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 — 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 — 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 — 434.1666



OS VEREADORES ESTÃO DE FÉRIAS. MAS NÃO MUITO.

Pescarias, viagens e muito trabalho: os vereadores no mês do recesso.

As aves agourentas da política estão vaticinando algumas mudanças para o mês de agosto. Como já é tradicional, as notícias não são boas aos que militam no atualmente tumultuado quadro político. Mas isso também faz parte da tradição, que reputa a agosto uma fama de mês ruim.

Como uma trégua, existe julho, mês de recesso parlamentar. Diferente do que a maioria imagina, alguns membros do assim chamado Poder Legislativo mergulham numa infinidade de visitas aos seus eleitores, estudam projetos, planejam as atividades para o segundo semestre. Mas também existem aqueles que realmente aproveitam o mês para tirar repousantes férias.

O presidente da Câmara Municipal, vereador Lázaro de Almeida, o Arquimedes, levou toda sua família para passar alguns dias no litoral, semana passada. Uns dias antes, ele disse que estava cansado e necessitando de algum tempo para recompor as forças.

Farmacêutico, Arquimedes voltaria no começo desta semana para acompanhar o vereador Ari Castro Nunes Filho, que também tem a mesma profissão, para pescar até o dia 26 numa fazenda em Furnas, Minas Gerais. Eles são os poucos membros da Câmara que se desligaram completamente do trabalho durante o recesso.

Aparentemente menos afeito a essas atividades recreativas, o líder do MDB, Tarcísio Germano de Lemos viajou para o Chile, de onde voltará no dia 20. Ele afirmou que se tratava apenas de uma viagem de férias, sem quaisquer outras intenções. Voltando, Tarcísio continuará a se dedicar ao seu escritório de advocacia, cuja enorme clientela lhe garente o sustento da família. Para ele, restou ainda durante o recesso, a presidência da comissão que estuda o regimento interno da Câmara, que tem muitas imperfeições responsáveis por dúvidas quanto ao funcionamento do legislativo.

Funcionário da empresa São João Turismo, o vereador Antônio Tavares está trabalhando muito neste mês de férias. Mas isto não o impede de continuar na elaboração, em fase final, de um ante-projeto a ser enviado para o prefeito sobre melhoramentos nas feiras-livres.

Mais: Tavares está participando da comissão que estuda o regimento interno para elaborar as modificações necessárias; quer se entrosar melhor com os órgãos municipais visando facilitar seu trabalho de vereador; e também está visitando os bairros para verificar o que está sendo ou não feito e o que é preciso.

Durante este mês de recesso, o vereador Henrique Victório Franco já viajou para Brasília, Rio de Janeiro e Peru. Férias? Não, em função do seu cargo de vice-presidente da Vigorelli do Brasil. Atualmente, ele está preocupado com os efeitos do desaquecimento da economia nacional sobre os bairros periféricos da cidade e o aumento das favelas em Jundiaí, além da atenção que dispensa ao setor urbanístico.

É com base nisso que Franco pretende trabalhar na Câmara no segundo semestre. Quanto a tirar férias, ele diz que "as leis trabalhistas ainda não chegaram aos empresários".

Da mesma forma, o vereador Lázaro Rosa também está tendo muito trabalho na Astra, onde é o gerente de vendas. Nesta época, devido às características do mercado, existe muito serviço. O recesso da Câmara não alterou quase nada seu cotidiano, que também conta com sua participação na comissão do Plano Diretor da cidade.

Como presidente do Sindicato dos Empregados nas Indústrias de Alimentação de Jundiaí, Lázaro Dorta vai descansar muito pouco neste mês. Membro da comissão do regimento interno da Câmara, ele planeja viajar para Porto Alegre no dia 28. Dorta participará do Congresso de Higiene e Segurança do Trabalho, representando o sindicato.

O vereador André Benassi, está aproveitando o recesso para ficar perto da família. Isto não quer dizer que está de férias. Além do serviço como advogado sindical, ele está preparando um extenso trabalho para seu curso de pós-graduação em Direito Administrativo, que faz na PUCC. Dentro de seus planos incluem-se visitas as bairros para não se distanciar dos problemas.

Seu companheiro de partido, Ariovaldo Alves, também está longe da inatividade. Ele é um dos principais incentivadores do nascente cineclube de Jundiaí e prepara um longo trabalho sobre a poluição da cidade.

Os dois barbeiros vereadores, Auçonio Tozzeto e Jorge Roque de Moura estão muito preocupados em ouvir a população. O primeiro, já aposentado, ainda trabalha gratuitamente fazendo barba e cabelos dos velhos da Vila dos Pobres, enquanto o outro se dedica ao seu salão somente no tempo que lhe sobra após atender as pessoas que vão procurá-lo. Para eles, o recesso apenas significa um tempo a mais para tentar resolver os problemas que lhes surgem.



Ari: pescaria



Ariovaldo: muito trabalho



Arquimedes: praia e peixes



Rosa: muito trabalho



Tarcísio: no Chile

ALÉM DISSO...

A reforma da escola "Cel. Siqueira Moraes", no Vianelo, foi autorizada pela CONESP – Construções Escolares do Estado de São Paulo. A obra ficará em Cr$ 2.601.959,92. Por outro lado, as escolas "Barão de Jundiaí" e "Marcos Gasparian" receberam novos equipamentos odontológicos.

O presidente do diretório local do MDB, Antônio Prado, vai marcar uma reunião com os vereadores do partido para o final deste mês. Ele pretende que os membros da Oposição na Câmara não se distanciem dos problemas partidários de Jundiaí.

A promulgação ou veto ao projeto das ruas de lazer será decidido nesta semana pelo prefeito Pedro Fávaro. O assunto será debatido nesta segunda-feira na Secretaria da Educação, Cultura, Esportes e Turismo por uma comissão que deverá estudar o projeto, já motivo de reclamações. Uma das opções poderá ser a implantação de "locais de lazer", usando logradouros públicos. Assim, o problema do fechamento de ruas aos sábados e domingos passaria a não existir.

Neste sábado, dia 25, a primeira-dama do Estado, Lyla Byington Martins vai inaugurar o bazar beneficiente organizado pela primeira-dama de Campo Limpo Paulista, Ivonete Maria Censi de Assis, e a Associação Assistencial "Vitória Régia". O bazar, a ser instalado no saguão do paço municipal, terá para vender artesanato em couro, madeira, vasos, cerâmicas e peças de vestuário até o dia 30, funcionando das 8 às 18 horas durante a semana que vem. A renda será revertida para entidades assistenciais do município.